



FACULDADE MARIA MILZA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ELISANDRA DOS SANTOS OLIVEIRA DA CONCEIÇÃO

JACIENE LOPES DOS SANTOS

**APRENDIZES DA LEITURA E DA ESCRITA: UM ESTUDO DA PRÁTICA
DOCENTE NO CONTEXTO DO 1º ANO EM ESCOLAS DA CIDADE DE
CABACEIRAS DO PARAGUAÇU – BA**

GOVERNADOR MANGABEIRA-BA
2014

ELISANDRA DOS SANTOS OLIVEIRA DA CONCEIÇÃO

JACIENE LOPES DOS SANTOS

**APRENDIZES DA LEITURA E DA ESCRITA: UM ESTUDO DA PRÁTICA
DOCENTE NO CONTEXTO DO 1º ANO EM ESCOLAS DA CIDADE DE
CABACEIRAS DO PARAGUAÇU-BA**

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Pedagogia da Faculdade
Maria Milza como requisito parcial para
obtenção do título de graduada.

Orientadora: Prof^a. Espc. Simone S. D. de Carvalho

GOVERNADOR MANGABEIRA-BA

2014

Conceição, Elisandra dos Santos Oliveira da

C744a Aprendizizes da leitura e da escrita: um estudo da prática docente no contexto do 1º ano em escolas da cidade de Cabaceiras do Paraguaçu - BA / Elisandra dos Santos de Oliveira da Conceição, Jaciene Lopes dos Santos. – 2014

70 f.

Orientadora: Profª. Espc. Simone Santana Damasceno de Carvalho

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade Maria Milza, 2014.

1. Leitura. 2. Escrita. 3. Prática docente. 4. Aprendizagem. I. Carvalho, Simone Santana Damasceno de. II. Título.

CDD 372.4

ELISANDRA DOS SANTOS OLIVEIRA DA CONCEIÇÃO

JACIENE LOPES DOS SANTOS

**APRENDIZES DA LEITURA E DA ESCRITA: UM ESTUDO DA PRÁTICA
DOCENTE NO CONTEXTO DO 1º ANO EM ESCOLAS DA CIDADE DE
CABACEIRAS DO PARAGUAÇU-BA**

Aprovado em ____/____/____

BANCA DE APRESENTAÇÃO

Profª. Espc. Simone Santana Damasceno de Carvalho - Professora orientadora
Faculdade Maria Milza

Profº. Ms. Moacyr Velame Branco dos Santos - Professor TCC
Faculdade Maria Milza

Profª. Espc. Antônia Claudia de Andrade Cordeiro
Faculdade Maria Milza

Profª. Ms. Jaqueline Cardoso da Silveira
Faculdade Maria Milza

**GOVERNADOR MANGABEIRA- BA
2014**

Dedicamos a Deus por nos fazer superar todos os obstáculos, a nossa família que sempre nos apoiaram a professora Simone Carvalho parceira desta pesquisa, aos amigos pelo incentivo e apoio constante. A todos os professores do curso que foram tão importantes para minha formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me proporcionou saúde e força para superar as dificuldades no decorrer desta caminhada, iluminando sempre meu caminho. Aos meus pais Francisco, em especial minha mãe, Jaci e meus queridos irmãos: Flavio, Jaciele e Jaciara, que sempre me apoiaram, assim como meus amigos e colegas que me incentivaram nos momentos difíceis desta longa jornada.

A minha querida professora e orientadora Simone Carvalho pela paciência, pelos ensinamentos e pela confiança em mim no desenvolvimento deste trabalho. Ao professor Moacyr Velame, pelas orientações no Trabalho de Conclusão de Curso. A Elisandra Conceição companheira que fez parte do sucesso desta pesquisa.

Eu Jaciene Lopes dos Santos agradeço a todos, que direta ou indiretamente colaboraram para a realização da conclusão desta monografia. Meu muito obrigada!

AGRADECIMENTOS

Eu Elisandra Conceição quero agradecer a meu amado e querido Deus pelos momentos que sempre se fez presente na minha vida, nas horas de dificuldades e obstáculos que precisei superá-los nesta caminhada, pois sei que sem sua presença esse sonho não seria possível de se realizar.

A todos meus familiares e amigos, em especial a meu esposo Linaldo Alves da Conceição e minha filha Lorena Oliveira da Conceição, pela paciência durante minha ausência, pelo apoio e carinho que tiveram comigo durante toda essa trajetória, a Jaciene Lopes pela força constante, pois fez parte do sucesso deste trabalho.

A nossa orientadora Simone de Carvalho pelo carinho e incentivo nos momentos de construção do nosso trabalho, ao professor Moacyr Velame pelas aulas ministradas para estrutura dessa pesquisa, a todos meus amigos e mestres que participaram dessa jornada, que sem dúvida foram peças fundamentais para nosso crescimento e desenvolvimento profissional.

A todos vocês meus sinceros agradecimentos. Obrigada por fazerem parte dessa vitória alcançada em minha vida!

“Ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.”

Paulo Freire

RESUMO

O processo de alfabetização e letramento vem sendo pesquisado por diversos estudiosos que discutem a maneira de pensar em relação à leitura e à escrita, as quais vêm se transformando de forma que a linguagem passou a ser vista como um processo dinâmico em seus diversos contextos. No alfabetizar estão inclusos fatores que influenciam no ritmo de construção e no conhecimento do educando, a saber: metodologia utilizada pelos professores, recursos didáticos que a escola possui, participação da família nas orientações das atividades extraclasse e o contexto que cerca o educando (a), incluindo significados e usos produzidos nas relações com o outro. O presente estudo visa avaliar as intervenções didáticas dos docentes nas práticas de ensino da leitura e da escrita e as suas contribuições para o desenvolvimento dos discentes no 1º ano do ensino fundamental. A fundamentação teórica admitida pretendeu o fomento do diálogo entre autores como Paulo Freire (2006), Magda Soares (2003), Emília Ferreiro (1999), Ana Teberosky (2003), Ângela Kleiman (2004), Mary Kato (2010), Luiz Carlos Cagliari (2009). Esta pesquisa compreende uma abordagem de natureza qualitativa com pesquisas em livros, internet e artigos, bem como, estudo exploratório e descritivo, realizadas com a aplicação de questionário contendo quatorze perguntas fechadas e uma aberta, no período do mês setembro ao mês outubro. Os questionários foram aplicados para as professoras atuantes em turmas do 1º ano do ensino fundamental, seguidos de observação das práticas das docentes, correlacionando-a com o aprendizado dos alunos. Os resultados revelam que de fato as práticas pedagógicas exercidas pelas docentes favorecem a construção do conhecimento da leitura e da escrita, pois possibilitam a mediação dos saberes já adquiridos pelos alunos, levando-os para o contexto da língua escrita e da língua oral de forma sistematizada, o que oportuniza aos educandos a interação com as funções do ler e escrever podendo contribuir no exercício dos discentes enquanto aprendizes da leitura e da escrita, permitindo-os aumentar as habilidades dessas práticas e saber fazer uso das mesmas, se inserindo no mundo letrado. E assim, tornando-se pessoas capazes de exercer a leitura e a escrita com propriedade no meio social. Notou-se que para as professoras ajudarem os alunos com dificuldades em leitura e escrita é sempre um desafio, entretanto elas se mostraram capazes de ampliar o envolvimento dos alunos (as) a esta prática, auxiliando-os em suas dificuldades.

Palavras-chave: Prática Docente. Aprendizagem. Leitura. Escrita.

ABSTRACT

The process of literacy and literacy has been researched by many scholars who discuss the way of thinking in relation to reading and writing, which are transforming so that the language came to be seen as a dynamic process in its various contexts. In literacy are included factors influencing the pace of construction and knowledge of the student, namely: methodology used by teachers, teaching resources that the school has, family participation in the orientations of activities after school and the context surrounding the student including meanings and uses produced in relations with each other. This study aims to evaluate teaching interventions of teachers in reading and writing teaching practices and their contributions to the development of students in 1st year of elementary school. The accepted theoretical foundation intended to promote dialogue between authors such as Paulo Freire (2006), Magda Soares (2003), Emilia Ferreiro (1999), Ana Teberosky (2003), Angela Kleiman (2004), Mary Kato (2010), Luiz Carlos Cagliari (2009). This research is a qualitative approach to research with books, articles and internet, as well as exploratory and descriptive study, carried out with the use of questionnaire containing fourteen closed questions and an open in the month of the period September to October month. The questionnaires were given to the acting teachers in classes of the 1st year of primary school, followed by observing the practices of teachers, correlated with student learning. The results show that in fact the pedagogical practices carried out by teachers favor the construction of the reading and writing knowledge, as they allow the mediation of knowledge already acquired by the students, leading them to the written language of the context and oral language in a systematic way, which provides opportunities for learners to interact with the functions of reading and writing can contribute in the performance of students while reading and writing learners, allowing them to increase the skills of these practices and know make use of it, inserting in the literate world. And so, becoming people capable of performing, reading and writing properly in the social environment. It was noted that for the teachers help students with reading and writing is always a challenge, but they have been shown to increase the involvement of students to this practice, helping them in their difficulties.

Keywords: Teaching Practice. Learning. Reading. Writing.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01- Escolaridade das professoras que lecionam o 1º ano do Ensino Fundamental.....	40
Figura 02- Aspectos que as professoras consideram importantes para atuarem em classes de crianças no 1º ano do Ensino Fundamental.....	42
Figura 03- Aspectos que dificultam o trabalho das professoras no 1º ano do Ensino Fundamental.....	46
Figura 04- Momento em que a criança é considerada alfabetizada pelas professoras.....	49

LISTA DE QUADROS

Quadro 01- Recursos utilizados pelas professoras do 1º ano na organização do ambiente alfabetizador em sala de aula.....	44
Quadro 02- Principais dificuldades apresentadas pelas professoras em relação a leitura e escrita dos alunos (as) do 1º ano.....	48

LISTA DE TABELAS

Tabela 01- Tempo de atuação das educadoras no 1º ano do ensino fundamental.....	41
Tabela 02 - Considerações das professoras sobre as aulas de alfabetização.....	45
Tabela 03- Como as professoras trabalham a escrita nas aulas de alfabetização do aluno do 1º ano	52
Tabela 04 - Definição das docentes sobre o processo de letramento em sala de aula.....	53

LISTA DE SIGLA

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA ALFABETIZAÇÃO.....	18
2.1 A ALFABETIZAÇÃO EM SEU CONTEXTO HISTÓRICO.....	18
2.2 DA ALFABETIZAÇÃO AO LETRAMENTO.....	20
3. LEITURA E ESCRITA: APRENDIZADO E ENSINO.....	25
3.1 CONCEPÇÕES DE APRENDIZAGEM: GÊNESE DOS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA.....	25
3.2 O EDUCADOR E A PRÁTICA DOCENTE: SUAS CONTRIBUIÇÕES NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA.....	32
3.3 A SALA DE AULA UM ESPAÇO-TEMPO DE EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA NO 1º ANO: IMPLICAÇÕES E DESAFIOS.....	36
4. AS INTERVENÇÕES DIDÁTICAS NO ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA E OS BENEFÍCIOS PARA A APRENDIZAGEM DOS EDUCANDOS (AS) NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	39
4.1 ANALISANDO OS RESULTADOS DAS INTERVENÇÕES DIDÁTICAS PARA A APRENDIZAGEM DOS EDUCANDOS (AS) NO 1º ANO DO FUNDAMENTAL.....	39
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS.....	61
APÊNDICES.....	63

1. INTRODUÇÃO

O processo de alfabetização há muito tempo vem sendo pesquisado por diversos estudiosos ou profissionais da educação, a saber: Paulo Freire, (2006) Magda Soares, (2003) Emília Ferreiro, (1999) Ana Teberosky, (2003) Ângela Kleiman, (2004) Mary Kato, (2010). Eles discutem a maneira de pensar em relação à leitura e à escrita que vem se transformando, uma vez que a linguagem tem se configurado como um processo dinâmico em seus diversos contextos. Cada um com uma concepção diferenciada acerca das práticas de alfabetização e do letramento.

No ramo da pedagogia, o desafio para os docentes que lecionam, principalmente os que atuam nas séries iniciais, é compreender a tarefa de alfabetizar letrando, no sentido de não apenas ensinar o aluno a ler e a escrever de forma sistemática e convencional, Já que para se tornar alfabetizado nesse sistema, o primeiro passo é a criança aprender a ler e a escrever a partir do sistema técnico do uso do alfabeto na escrita e da ortografia.

Assim, o professor também pode mediar possibilidades para o estudante aproveitar as aprendizagens já adquiridas dessas dicções, permitindo-o somar as informações aprendidas e fazer uso delas de maneira adequada. Dessa forma, o aluno poderá associar a técnica do lido e do escrito com as práticas sociais que envolvem as funções da linguagem que o cerca a todo tempo. Isso possibilitará aos discentes compreenderem como se dá o processo do aprendizado no exercício da sua convivência social, tornando-os pessoas alfabetizadas e letradas na sociedade.

Diante do exposto, ensinar uma criança a ler e a escrever tem se constituído um verdadeiro desafio, exigindo que o educador reavalie e reflita criticamente a sua prática, tendo em vista o seu papel na construção do conhecimento do aluno.

Nessa direção, alfabetizar se torna um processo muito delicado, visto que inclui alguns fatores que influenciam no ritmo de construção do conhecimento do educando, a saber: metodologia utilizada pelos professores, os recursos didáticos disponibilizados pela escola e a participação da família nas orientações das atividades extraclases. E, sobretudo, o contexto que cerca o educando, incluindo significados e usos produzidos nas relações com o outro.

Por esse viés, a depender do rumo como esse procedimento é conduzido, a criança pode adquirir ao longo da sua vida acadêmica, dificuldades no âmbito do seu

letramento, levando para o seu contexto educacional o título de sujeito incapaz de ler (decodificar), escrever (codificar) e interpretar. Ainda, pode acarretar no aluno o impedimento de exercer seu conjunto de aptidões de leitor e bom manuseador da escrita no meio social, já que o processo de alfabetização é fator importante para a aprendizagem dos estudantes.

Assim, devido à preocupação com o processo de aprendizagem da língua escrita e da leitura nas séries iniciais, este trabalho apresenta o seguinte título: *Aprendizes da Leitura e Escrita: um estudo da prática docente no contexto do 1º ano nas escolas da cidade de Cabaceiras do Paraguaçu – BA*. Nessa perspectiva, apresenta-se como problema: *Como as professoras intervêm didaticamente, tendo em vista o processo de desenvolvimento das competências da leitura e da escrita da criança no contexto do 1º ano do Ensino Fundamental?*

Para tanto, o objetivo principal é avaliar as intervenções didáticas dos docentes nas práticas de ensino da leitura e da escrita e as suas contribuições para o desenvolvimento dos discentes no 1º ano do Ensino Fundamental.

Para atender à proposta, delinearam-se os seguintes objetivos específicos: investigar o percurso histórico da alfabetização; compreender como ocorre a gênese dos processos de aprendizagem da leitura e da escrita à luz das práticas tradicionais, construtivistas e sócio interacionistas na perspectiva do letramento; analisar as dificuldades e os desafios que envolvem o ensino e a aprendizagem na lecto-escrita; descrever as intervenções didáticas dos professores nas práticas de ensino da leitura e da escrita e os benefícios para a aprendizagem dos (as) educandos (as) do 1º ano do Ensino Fundamental.

Em se tratando da cobrança que a sociedade faz em relação à educação na vida do indivíduo, seja na esfera pessoal ou profissional, e diante dos diversos contextos que a realidade apresenta, os quais estão interligados com o conhecimento que os cidadãos adquirem durante sua escolaridade, é fundamental que a criança desenvolva as habilidades para a prática da leitura e da escrita no início de sua escolaridade. E nesse processo o desenvolvimento das práticas ativa do educador em sala de aula se torna imprescindível.

Nesse propósito, esta investigação justifica-se por relatos de docentes que discorrem sobre o grande número de pessoas que atualmente chegam às séries finais do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, até mesmo no Ensino superior sem

o domínio da escrita e da leitura, não conseguindo interpretar e resolver ações destinadas a sua vida social.

Quanto à relevância social, é necessário salientar que a prática de uma alfabetização significativa vai além de ensinar o aluno, apenas a ler e a escrever de forma superficial. A alfabetização e o letramento de uma criança precisam ser compreendidos, pois além de estarem relacionados com critérios que deem subsídios aos discentes ao longo das suas vidas, saber usar a leitura e a escrita nas funções sociais que os cercam.

Assim, este trabalho poderá contribuir academicamente para o incentivo de novos estudos na área educacional e para a reflexão de pesquisadores, acadêmicos, pedagogos e, sobretudo, para a formação de futuros educadores que almejam atuar no espaço escolar lecionando no 1º ano do Ensino Fundamental.

Para a realização desta pesquisa adotou-se a metodologia de natureza qualitativa, quanto aos objetivos se caracterizou como descritiva e exploratória, já que teve por base analisar as influências didáticas dos professores nas práticas do ensino da leitura e da escrita, bem como as contribuições que essas práticas trazem para o aprendizado dos estudantes. Como procedimentos metodológicos, utilizou-se a pesquisa de campo, realizada em sete escolas do Município de Cabaceiras do Paraguaçu-BA, denominadas de K, L, M, W, X, Y, Z para avaliar as intervenções didáticas das docentes nas práticas do ensino da leitura e da escrita e suas contribuições para a aprendizagem dos discentes do 1º ano do Ensino Fundamental. O público alvo foram oito professoras e os alunos das respectivas escolas pesquisadas. Para a coleta de dados, que ocorreu entre o mês de setembro e outubro de 2014 no Município de Cabaceiras do Paraguaçu-BA, realizou-se aplicação de um questionário elaborado para os docentes envolvidos na amostra, contendo quinze perguntas, sendo (14) quatorze objetivas e (01) uma subjetiva, com o intuito de obter as informações presumidas sobre suas práticas escolares, e observação das turmas para analisar o aprendizado do aluno em relação às práticas exercidas pelos educadores.

De acordo com os critérios estabelecidos, garantiu-se o total sigilo e o anonimato dos sujeitos envolvidos na investigação, não constando no roteiro local para identificação nomes das professoras e alunos do estudo, preservando dessa maneira a identidade dos participantes. Realizou-se a tabulação dos dados,

dispondo-os em tabelas, quadros e gráficos para interpretação e análise das informações com base nos teóricos estudados.

Ressaltando, o estudo aqui apresentado se divide em cinco capítulos.

O primeiro capítulo compreende a introdução responsável por explicar uma breve abordagem do trabalho.

O segundo capítulo versa sobre: A trajetória histórica da alfabetização. É composto de duas seções. A primeira intitula-se: A alfabetização em seu contexto histórico. Nessa seção, faz-se um breve relato da história da alfabetização. A segunda seção intitula-se: Da alfabetização ao letramento, em que aborda os meandros acerca do processo da alfabetização e do letramento.

O terceiro capítulo tem como título: Leitura e escrita: aprendizado e ensino. Subdivide-se em três seções. A primeira, sob o título de Concepções de aprendizagem: gênese dos processos de aprendizagem da leitura e da escrita, traça uma abordagem dos variados níveis e concepções da aprendizagem. A segunda: O educador e a prática docente: suas contribuições na aprendizagem da criança, tece algumas considerações relativas às práticas docentes e às contribuições a para formação leitora do aluno.

E a terceira seção intitulada: A sala de aula um espaço-tempo de exercício da docência no 1º ano: implicações e desafios, apresenta as dificuldades e os desafios encontrados em sala de aula pelo professor.

O quarto capítulo aborda as análises e resultados da pesquisa de campo, discutindo as intervenções didáticas no ensino da leitura e da escrita e os benefícios para a aprendizagem dos educandos (as) no 1º ano do Ensino Fundamental. Finalizando com as considerações finais no intuito de responder ao problema deste objeto de estudo.

2. A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA ALFABETIZAÇÃO

Este capítulo subdivide-se em duas seções. A primeira intitula-se: Alfabetização em seu contexto histórico; descreve brevemente a trajetória da leitura nos períodos históricos da sociedade ocidental. A segunda: Da alfabetização ao letramento; aborda-se o desenvolvimento da leitura e da escrita nas práticas e funções sociais do processo da alfabetização e do letramento.

2.1 A ALFABETIZAÇÃO EM SEU CONTEXTO HISTÓRICO

A alfabetização, desde a Antiguidade, passando pela Idade Média entre os séculos (XVI e XVII) até os dias atuais, vem sofrendo várias transformações. O referido período que englobou da Antiguidade até a Idade Média foi marcado pelo método sintético. Segundo Cagliari (2009, p. 17):

Na Antiguidade, os alunos alfabetizavam-se aprendendo a ler algo já escrito e depois copiando. Começavam com palavras e depois passavam para textos famosos, que eram estudados exaustivamente. Finalmente, passavam a escrever seus próprios textos.

Percebe-se que da Antiguidade até a Idade Média as crianças aprendiam a ler e escrever de forma mecânica baseada na escrita de cópias. No entanto, a partir da Idade Média com o surgimento do Renascimento entre os séculos (XVI e XVII) e com o aparecimento das cartilhas como a de João de Deus (cartilha maternal), é dado início a um novo método que é contraditório ao método sintético (soletração), o qual ficou conhecido como método analítico.

Essa prática refere-se à leitura das palavras de forma contínua, sem soletração e observação da quantidade de letras. Desta forma, o método analítico apresenta uma sequência lógica para as crianças construírem frases a partir das palavras. Além disso, a leitura pode também partir das frases subdividindo para os vocábulos e, conseqüentemente formando as sílabas de forma contextualizada e significativa para o aluno que está lendo.

Cagliari (2009, p. 20) ainda acrescenta que:

A alfabetização, na Idade Média, em geral ocorria menos nas escolas do que na vida privada das pessoas: quem sabia ler ensinava a quem não sabia, mostrando o valor fonético das letras do alfabeto em determinada

língua, a forma ortográfica das palavras e a interpretação da forma gráfica das letras e suas variações.

O autor revela que muitas crianças daquela época, apesar de não frequentar a escola, conseguiram ser alfabetizadas em suas casas por pessoas que sabiam ler, diferentemente de hoje em que todos têm direito a educação e há profissionais para auxiliar o ensino e aprendizado. Vale salientar que, a família também tem participação fundamental nessa prática e que os educadores estão buscando, cada vez mais, capacitação a fim de qualificar o seu trabalho.

Assim, Cagliari (2009, p. 32 - 33) afirma que:

[...] há cada vez mais um número crescente de professores que estão conduzindo um processo de alfabetização diferente do método das cartilhas, procurando equilibrar o processo de ensino com o de aprendizagem, apostando na capacidade de todos os alunos para aprender a ler e a escrever [...].

Compreende-se que atualmente as metodologias desenvolvidas pelos docentes da alfabetização estão sendo direcionadas para o crescimento do aluno, no sentido de oferecer a esses educandos conhecimentos que contemplem a leitura e a escrita de maneira crítica e reflexiva, tanto no âmbito educacional quanto no âmbito social. Tais métodos visam à probabilidade de a criança aprender a ler e a escrever de fato e de expandir o seu aprendizado para o mundo

O desenvolvimento da leitura e da escrita é imprescindível no decorrer do processo de alfabetização, uma vez que ler e escrever são práticas essenciais para a comunicação no cotidiano das novas gerações. Assim, é preciso ensinar as crianças a decifrar, de forma dinâmica, os códigos da escrita, permitindo que os pequenos usem esses códigos de forma adequada no seu cotidiano.

Nesse viés, Barbosa (1994, p.34) assegura que: a escrita:

[...] vai surgir pela primeira vez no mundo antigo, num momento histórico caracterizado pelo desenvolvimento simultâneo de uma série de elementos diversos, a que chamamos civilização. A escrita surge acompanhada de um notável desenvolvimento das artes, do governo, do comércio, da agricultura, da manufatura, dos transportes.

Entende-se que a escrita surgiu na antiguidade devido ao povo dessa época ter a necessidade de utilizar a escrita em seu cotidiano. A descoberta das caligrafias começou através das contagens que o homem passou a realizar após se fixar e conviver em comunidades. Com o sistema de cálculo era possível contar os animais e os alimentos que as pessoas tinham e que eram comercializados por meio da

troca e venda dos produtos. Todos os registros de contagem eram feitos com marcas em objetos do período como: madeiras ou ossos. Tudo que os homens anotavam serviam para facilitar as transações comerciais.

Com o passar do tempo, os indivíduos perceberam a necessidade de criar símbolos para marcar as mercadorias e os seus donos. Dessa forma, o marco passou a ser associados à leitura e ao uso do alfabeto na ocasião. A pessoa alfabetizada neste período era aquela que conseguia ler e escrever as rerepresentações dos símbolos. Assim, com o aumento das normas e informações sobre a escrita, as pessoas deixaram de usar os símbolos para empregar as sílabas na escrita das coisas, aperfeiçoando as técnicas do ler e escrever.

De acordo com Barbosa (1994, p.34) afirma que:

O homem, através dos tempos, vem buscando comunicar-se com gestos, expressões e com a fala. A escrita tem origem no momento em que o homem aprende a comunicar seus pensamentos e sentimentos por meio de signos. Signos que sejam compreensíveis por outros homens que possuem idéias sobre como funciona esse sistema de comunicação.

Considera-se que o homem, há muito tempo, vem se adequando à comunicação, bem como se aprimorando entre as pessoas por meio da escrita, cujo diálogo acontece de diversas formas, sendo pertinente o uso dos símbolos e de seus avanços. Tal uso facilita o contato das pessoas que participam e mediam a relação dos sujeitos com as normas do escrito, buscando sempre compreender o que o outro transmitiu. Desse modo, o progresso dos signos foi e está sendo muito importante no que diz respeito ao relacionamento dos indivíduos, tanto na sua vida pessoal quanto no seu círculo social. Esse avanço facilitou a convivência entre os indivíduos, uma vez que a mediação da mensagem tornou-se mais compreensível.

E quando o autor faz uso correto do sistema de elementos que aborda a escrita como um dos fatores que permite aos usuários expor seus pensamentos e emoções, possibilita a esses sujeitos um convívio saudável adquirido a partir da aprendizagem vinda das regras das representações gráficas.

2.2 DA ALFABETIZAÇÃO AO LETRAMENTO

O direito que as crianças têm à educação, como consta na Constituição Federal de 1988, é que ela frequente uma escola sendo dever da mesma

permanecer no estabelecimento de estudo até o nono ano. Essa obrigatoriedade estabelecida pelo governo tem por objetivo tornar todos os cidadãos alfabetizados, ou seja, que através do ensino básico e com o apoio dos docentes e os subsídios que a escola proporciona, todos os estudantes possam aprender a ler e a escrever em tempo hábil.

Sendo assim, as pessoas receptoras desses conhecimentos, ao longo dessa demanda, podem desenvolver-se a partir das informações adquiridas e construir dentro do seu universo social uma comunicação efetiva, usando com destreza o seu aprendizado em relação às linguagens descritas como sujeitos autônomos.

Cavalcante (1997, p. 1) sinaliza que:

Por isso, o processo de alfabetização, um dos eixos principais da escolaridade básica, inicia-se logo nas primeiras classes, até porque é necessário que as crianças aprendam a ler com competência logo que possível para que possam utilizar adequadamente textos escritos como instrumentos de apoio às situações de aprendizagem.

Dessa forma, espera-se que o aluno em contato com a leitura e a escrita aprenda a ler e a escrever com competência, visto que é importante que essa perfeição aconteça para que o processo de alfabetização não seja interrompido. Uma vez que esse procedimento de alfabetizar não se limita apenas aos códigos da leitura e da escrita, ele vai mais adiante da compreensão de um sistema alfabético e ortográfico, o qual media as interações do indivíduo com a realidade e a sociedade, criando possibilidades de inclusão dos educandos no mundo letrado.

Nesse viés, a aprendizagem da leitura e da escrita não acontece de uma hora para outra, mas requer disponibilidade de tempo, calma, amadurecimento e cuidado com as atividades pautadas na efetivação do aprendizado. Por vezes, esse conhecimento nem sempre é alcançado e nem sempre traz significado para os discentes, posto que, existe um período de vários questionamentos por parte dos estudantes em relação à fala, à escrita, à ortografia, à acentuação e à gramática.

Desse modo, o que se espera do professor é a mediação das dúvidas das crianças, relacionando os saberes já adquiridos por elas direcionando-as para o contexto da língua escrita e da língua oral. Certamente, o contexto do 1º ano é um nível de ensino em que é preciso provocar nas crianças o desejo de ler, não apenas através da visão e da fala, mais deleitar-se com as ideias que esta atividade proporciona, já que ler é permitir o olhar crítico, para que o educando possa ir além

das letras. Dessa forma, ao ouvir uma leitura em voz alta, os alunos vão se familiarizando e tomando consciência dos aspectos das expressões da escrita.

Nesse intuito, durante os primeiros anos do Ensino Fundamental, é necessário que a escola junto com o docente crie estratégias auxiliadoras que visem trabalhos com diversos textos, os quais ofereçam aos discentes práticas de leituras e escritas que envolvam o ambiente social dos alunos, permitindo que eles comentem e discutam as leituras realizadas, a fim de criar sentido para o que foi realizado. Além disso, a inserção do educando no mundo letrado será mais proveitosa e significativa, posto que o universo da leitura e da escrita agrega os sujeitos, enriquecendo-os intelectual, social e culturalmente.

Ao tratar da leitura e da escrita, é muito importante salientar os estudos das tendências pedagógicas quando mostram que no decorrer do tempo foram surgindo novas escolas e cada uma delas com métodos diferenciados. Como exemplo, é possível citar a Escola Tradicional, nela o aluno ouvia e não dava opinião, sendo o receptivo e a Escola Nova, na qual o professor começa a interagir com o estudante. Na alfabetização não é diferente, cada professor usa recursos metodológicos diferentes para facilitar o aprendizado da sua turma, principalmente para ampliação e aperfeiçoamento da leitura e da escrita, sendo o docente o intermediário entre a descoberta, a construção e os saberes dessas funções de linguagens.

Teberosky e Colomer (2003, p. 15) ratificam que:

Por influência da teoria condutista no âmbito educativo tem sido muito divulgada a ideia de que a melhor idade para se começar a instrução em leitura e escrita seria aos seis anos, e que essa idade seria favorável porque a criança já teria chegado ao nível de desenvolvimento desejado.

Diante da reflexão acima, o desenvolvimento desejado da criança refere-se ao conhecimento que a mesma já traz consigo das séries anteriores e ao aprendizado prévio que o aluno leva para a sala de aula, adquiridos no seu dia a dia através dos ensinamentos dos adultos e da família, como as contações de histórias realizadas em casa na hora de dormir, as quais permitem que a criança aguçe o gosto pela leitura.

Esses acontecimentos são normalmente experimentados até os seis anos de idade, havendo possibilidade de continuar acontecendo, nas idades posteriores por isso as autoras supracitadas comentam que para a teoria condutista seria a melhor

idade de interação entre leitura e escrita, aperfeiçoando a aprendizagem do alfabetizando em sala de aula.

Nesse sentido, a alfabetização torna-se significativa para a criança quando ela tem contato, dentro e fora da escola, com pessoas letradas e materiais escritos a citar: revistas, livros didáticos, paradidáticos, literários, jornais, dentre outros.

Assim, a criança começará construir com a ajuda dos professores os conceitos sobre a formação de leitores e escritores, cuja importância de ambos estará vinculada mais tarde ao seu meio letrado e à comunicação englobando toda a sociedade. Dessa maneira, a ação de aprender a ler e a escrever não pode estar envolvida numa técnica mecânica descontextualizada da realidade dos discentes, sem vida, limitada apenas as letras, sons e sílabas.

Nos estudos de Soares (2003, p. 47), a alfabetização é concebida como a “ação de ensinar/ aprender a ler e a escrever” e se constitui como pré-requisito para o letramento “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”. Assim, enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita, o letramento se preocupa com a função social do ler e escrever.

Nessa direção, constata-se que a criança ao apropriar-se da leitura e da escrita e sendo alfabetizada, se tornará uma pessoa letrada capaz de exercer no seu grupo social a leitura e a escrita com propriedade, pois ambas devem estar bem articuladas uma ao lado da outra, na interação com mundo letrado.

Serra, IN: Masagão, (2003, p. 79) menciona no seu artigo publicado no livro *Letramento no Brasil* que: “Nas três últimas décadas, o senso comum sobre o que é e para que serve ler e escrever vem sendo enriquecido e ampliado, para o bem de todos e não só de uns poucos”.

Entende-se que com os novos recursos metodológicos e com os investimentos oferecidos para a educação contemporânea a opinião de pessoas como os especialistas e professores da área referida, são de concordância quando o assunto está relacionado ao exercício de ler e escrever com fluência. Pois, esses profissionais acreditam que o lido e escrito com perfeição gera muito mais do que o simples reconhecimento de letras e números.

Portanto, para que todos alcançassem habilidades com a leitura e a escrita e seja respeitado faz-se necessário à utilização de bens materiais tanto quanto

imateriais para o desenvolvimento destas dicções. Assim ocorrendo, acontecerá a justiça social permitindo que a criança se torne mais tarde uma pessoa letrada, oportunizando a quem está inserido nesse ambiente: desenvoltura, capacidade intelectual e eficaz, possibilitando uma convivência digna entre todos. Atualmente essas funções de linguagens são indispensáveis, não só pela questão do melhoramento próprio, no sentido cada ser entender a comunicação da leitura e da escrita no seu convívio social, mas para que todos tenham domínio do texto escrito e gosto pela leitura, contribuindo para o desenvolvimento social.

3. LEITURA E ESCRITA: APRENDIZADO E ENSINO

Este capítulo trata sobre as práticas de leitura e da escrita como elementos necessários para aumentar e desenvolver nos educandos suas potencialidades e capacidades para atuar na sociedade de forma crítica e consciente. Tece algumas considerações relativas ao educador e à prática docente e suas contribuições para uma efetiva formação leitora do aluno. E, por fim, relata as dificuldades e os desafios encontrados em sala de aula pelo professor.

3.1 CONCEPÇÕES DE APRENDIZAGEM: GÊNESE DOS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA

Toda criança até completar sua idade adulta passa por várias fases, e na sua vida escolar acontece o mesmo. Estudos realizados por Piaget na concepção construtivista-cognitivista revelam que as crianças aprendem com o meio e se tornam sujeitos ativos. Esse aprendizado está relacionado com as influências dos ambientes os quais convivem e as probabilidades de aprendizagem que os pequenos podem adquirir com as interferências do meio em que estão inseridos. A formação do aprendizado da leitura relacionando com a escrita para Piaget acontece inicialmente por meio de rabiscos através dos desenhos que a criança realiza.

Nessa concepção, Alexandroff (2010, p. 27-28) em seu artigo baseado nas pesquisas de Piaget afirma que “as fases de aprendizagem da criança estão relacionadas com a Garatuja, pré-esquematismo, esquematismo, realismo, pseudo naturalismo”. Trata-se de importantes etapas do desenvolvimento da criança até alcançar a fase adulta. Neste sentido, serão abordadas nesta discussão as principais fases que permitem às crianças usarem os símbolos como fator marcante para a aprendizagem inicial das suas práticas da leitura e da escrita como aprendizes do ato de ler e escrever.

Na fase garatuja, as crianças manifestam seus rabiscos através dos desenhos, é uma fase em que elas adoram desenhar pelo prazer. Até os dois anos de idade, os pequenos desenhavam sem se preocupar com os traçados que aparecem no papel desordenadamente. Já ao atingirem os três anos de idade surgem um interesse maior pelos traçados, é quando começam a organizar as linhas no papel.

E a partir dos três aos sete anos de idade, a criança começa a colocar ordem em seus traços e movimentos lineares. A partir desse momento, inicia-se a fase do pré-esquematismo ou pré-operacional, é quando a criança começa a relacionar os desenhos com a sua realidade, atribuindo significados aos mesmos.

Com quatro anos, a criança já é capaz de colocar no papel em forma de desenhos os seus sentimentos. E com seis anos, ela dá início a etapa de grafismo com mais criatividade e variedade nas suas produções, enfatizando uma afinidade entre o desenhar seu pensamento e sua realidade.

Segue-se a fase do esquematismo que acontece entre os sete e dez anos. É denominada de etapa da operação concreta, assim como na fase pré-operacional é utilizada a linha como embasamento para o desabrochamento da leitura e da escrita, pois as crianças através de seus desenhos fazem a leitura do objeto ampliando o exercício de ler e de escrever.

As estudiosas Ana Teberosy e Emília Ferreiro (1999) também investigaram, as fases de desenvolvimento do aprendizado da leitura e da escrita realizadas por crianças. O resultado dessas investigações foi relatado no livro *Psicogênese da Língua Escrita*, o qual aborda que a criança no decorrer de sua prática de leitura e escrita elabora várias hipóteses e opiniões sobre esse exercício, tentam resolver as dificuldades de sua grafia e criam conceitos referentes à escrita.

Ferreiro e Teberosky (1999, p. 192) mencionam que “No começo da interpretação da escrita, a criança pode acompanhar seus desenhos através de outros sinais que representam seu próprio nome”. As autoras referem-se à fase da hipótese pré-silábica, na qual a criança usa o seu nome como instrumento principal no contato com o grafismo, pois ela usa as letras do seu nome para rabiscar palavras, constituindo um processo que inclui traçados diferentes.

Além disso, nesta fase, os estudantes comparam os desenhos com a escrita e ambos têm o mesmo significado para eles, assim como os objetos grandes têm a escrita grande e os objetos pequenos à escrita pequena. Tomando como base essas variáveis, o aluno (a) nessa hipótese tem dificuldade em perceber que as letras e os desenhos não são a mesma coisa, que a caligrafia não varia conforme o tamanho do objeto. Além disso, ele ainda não consegue distinguir o seu próprio nome.

No nível dois, na hipótese intermediária silábica constata-se que a criança começa a compreender que existe uma relação entre a escrita e a fala, mas ainda

não a domina e utiliza para cada letra um fonema. Os pequenos ainda usam diversas letras para escrever como a cursiva e a de imprensa, apontando uma para cada fonema, a criança escreve frase, mas usa somente uma letra para representar as palavras, apresentando dificuldade com a fala e a escrita no que está relacionado ao seu ajustamento. Ainda não sabem, ao certo, quantas letras são necessárias para formar uma palavra.

Ferreiro e Teberosky (1999, p. 202) abordam que,

A hipótese central deste nível é a seguinte: para ler coisas diferentes (isto é, atribuir significados diferentes), deve haver uma diferença objetiva nas escritas. O progresso gráfico mais evidente é que a forma dos grafismos é mais definida, mais próxima à das letras.

Nesse sentido, através das evoluções das hipóteses silábicas, as crianças vão expandindo o seu conhecimento, aproximando-se da escrita. No nível três, a hipótese referida é a silábica.

Conforme Ferreiro e Teberosky (1999), a tentativa é dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita e consentir que a criança passe por uma evolução maior. Dessa forma, possibilita a mesma perceber que cada letra vale uma sílaba. Além do mais, esta hipótese permite às crianças darem um salto expressivo em relação aos outros níveis antecedentes.

O nível três aborda que a criança já diferencia a fala da escrita e escreve a partir da fala dando som as letras, ela constata que a menor quantidade de letras são as sílabas. Nesta etapa, os problemas enfrentados pelas crianças são: a aplicação do som em todas as letras, a percepção de que não são necessárias muitas letras para escrever uma palavra e o reconhecimento de que existem palavras diferenciadas as quais são escritas com grafias e posições desiguais.

Sendo assim, a hipótese quatro é muito importante, visto que traz a superação da hipótese silábica com foco na hipótese silábico-alfabética.

Para essa superação, Ferreiro e Teberosky (1999, p. 214) asseguram que:

A criança abandona a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma análise que vá “mais além” da sílaba pelo conflito entre a hipótese silábica e a exigência de quantidade de granas (ambas exigências puramente internas, no sentido de serem hipóteses originais da criança) e o conflito entre as formas gráficas que o meio lhe propõe e a leitura dessas formas em termos de hipótese silábica (conflito entre uma exigência interna e uma realidade exterior ao próprio sujeito) [...].

Nessa etapa, a criança começa superar a fase silábica. Entende-se que a escrita concebe o valor sonoro da fala e os discentes iniciam a sua leitura combinando as vogais e as consoantes numa mesma palavra tentando combinar os sons. Os alunos dessa fase têm como dificuldades separar a escrita da palavra, uma vez que ela não se separa na oralidade, não entendem como fazer as pessoas lerem o que foi escrito por eles e como atribuir os caracteres (letras, símbolos) mínimos as palavras.

Dessa maneira, a fase final, que é a hipótese alfabética, assinala que a criança já tem a ideia de que a escrita funciona como meio de comunicação importante para a sociedade; conhece o alfabeto e o conceito de escrita e não tem problema com o mesmo; realiza leitura de textos com ou sem imagens e constrói textos significativos.

Segundo Ferreiro e Teberosky a partir da fase alfabética (1999, p. 219), “[...] a criança se defrontará com as dificuldades próprias da ortografia, mas não terá problemas de escrita, no sentido escrito”. Assim, é importante ressaltar que as dificuldades das crianças estão pautadas em: entender porque se fala de um jeito, porém se escreve de outro e preocupar-se com as pontuações, os parágrafos e o uso da letra cursiva na sua escrita.

Nesse período, a criança já adquiriu um entendimento mais significativo em relação à leitura e a escrita. Percebe que para cada sílaba da palavra há uma letra correspondente, porém o educando não consegue escrever de forma correta, ou seja, de acordo com a ortografia oficial e sim aleatoriamente. Com isso, no decorrer do desenvolvimento com o contato contínuo com a lecto-escrita, as crianças começam aperfeiçoar e reconhecer os sons das letras e melhorando sua escrita.

Segundo Ferreiro (2001 p.16-17):

Quando uma criança escreve tal como acredita que poderia ou deveria escrever certo conjunto de palavras, está nos oferecendo um valiosíssimo documento que necessita ser interpretado para poder ser avaliado. Essas escritas infantis têm sido consideradas, simplesmente, como garatujas, “puro jogo” o resultado de fazer “como se” soubesse escrever.

Diante desse contexto, compreende-se a importância do docente em sua prática pedagógica. Nesta etapa, a criança prosseguirá fazendo várias tentativas para que suas produções sejam eficazes. Desse modo, a seriedade em trabalhar hipótese que estimule a aprendizagem da criança é fundamental.

Nos estudos que contemplam a visão sócio-histórica, um dos fatos importantes foi à descoberta da evolução da infância procurando entender como se dava o procedimento do desenvolvimento social do ser humano em relação à aquisição da leitura e da escrita alcançada pela criança na pré-escola.

Quanto ao aprendizado adquirido pelas crianças em função das linguagens da leitura e da escrita, Vygotsky (1994) explicita nos seus estudos que a criança quando entra na escola já traz consigo conhecimentos espontâneos e conseqüentemente cria hipóteses sobre a leitura e a escrita. Na concepção do autor, a aprendizagem e o desenvolvimento permanecem interligados a partir do período de nascimento do bebê, o qual se torna sujeito social, interagindo com o meio e com as pessoas.

Em um artigo baseado nas análises do estudo de Vygotsky, as autoras Araújo, Araújo e Scheffer (2008, p. 10) pontuam que:

[...] um percurso do simbolismo que se inicia com o gesto, depois passa pela brincadeira, pelo desenho, até chegar ao ponto em que a criança consegue perceber que poderá representar a sua fala por meio do desenho, apreendendo a escrita com função interacional e pessoal.

Essa questão refere-se ao início da escrita que começa, segundo as autoras, pelos gestos que a criança faz através dos símbolos (desenhos, rabiscos). Nessa circunstância, a criança não tem conhecimento de que seus gestos simbólicos mais tarde se transformarão na sua escrita. Visto que a criança ainda não interpreta a escrita como algo significativo, para ela, a simbolização tem mais significado, pois antes de rabiscar um desenho, a criança pensa e demonstra com gestos para depois representar o que pensou em forma de desenhos no papel.

Nesse momento, a criança começará enfatizar a concepção de leitura e de escrita no seu ambiente educacional e fora dele ao relacionar desenhos, nomes e letras.

Assim sendo, o brincar também é tratado pela criança como gesto simbólico que ajudará a desenvolver sua escrita devido à importância que o objeto representado na brincadeira tem para ela. Brincando, a criança interpreta, imagina e relaciona o brincar com os signos e junto com os gestos eles serão a primeira referência de representação significativa para o exercício da escrita que desencadeará a leitura. Uma vez que ambas se transformarão em desenho e o

mesmo, por sua vez, permitirá uma linguagem gráfica e verbal aparecendo o ato de ler e escrever da criança.

Nas concepções delineadas, a aquisição da leitura e da escrita são vistas sob o ponto de vista cognitivista de Jean Piaget, (2009) behaviorista de Emília Ferreiro (1999) e sócio-histórico de Levy Vygotsky (1994). Essas variadas concepções são elementos importantes e necessários para as crianças obterem aprendizagens significativas relacionadas à leitura e à escrita e que esses ensinamentos possibilitem o desenvolvimento do aluno no decorrer de suas vivências e de sua realidade.

Diante das novas demandas sociais relativas ao uso da leitura e da escrita, foram desenvolvidos vários estudos com a intenção de considerar o significado do acesso à leitura e à escrita.

Magda Soares nas suas pesquisas sobre leitura, escrita e letramento afirma:

A leitura do ponto de vista da dimensão individual de letramento (a leitura como “tecnologia”), é um conjunto de habilidades linguísticas e psicológicas, que se estendem desde a habilidade de decodificar palavras escritas até a capacidade de compreender textos escritos (SOARES, 2003, p. 68).

Na análise acima, a autora refere-se à aprendizagem da leitura que a criança começa a ter contato antes de ir para a escola, porque ela associa os símbolos escritos que vê nos livros de história e nos diversos tipos de texto com o som que faz quando alguém lê ou quando ela mesma tem relação direta com esses materiais. Ao mesmo tempo em que aprendem a ler, interpretam os textos escritos. Desse modo, as crianças adquirem habilidades de transformar os sons em sílabas e as sílabas em escrita. Dessa maneira, “[...] As habilidades de escrita estendem-se da habilidade de registrar unidades de som até a capacidade de transmitir significado de forma adequada a um leitor potencial.” (SOARES, 2003, p. 69).

Entende-se que assim como na leitura o som também é um instrumento importantíssimo para o desenvolvimento da escrita no aprendizado da criança, visto que ela faz uma ligação entre o som, os símbolos e os escritos. A partir daí, ela elabora e organiza os seus conceitos em relação ao ato de escrever e coloca no papel a sua caligrafia de acordo as aptidões desenvolvidas no processo do contato com o meio letrado.

Coadunando com as ideias de Soares, a escrita assim como a leitura também faz parte do universo letrado no qual o ser humano está inserido. Através dela as

peças entram em comunicação, acessam as informações, compartilham e produzem saberes no espaço social que convivem.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) citam que:

Apesar de apresentadas como dois sub-blocos, é necessário que se compreenda que leitura e escrita são práticas complementares, fortemente relacionadas, que se modificam mutuamente no processo de letramento__ a escrita transforma a fala (a constituição da “fala letrada”) e a fala influencia a escrita (o aparecimento de “traços da oralidade nos textos escritos”). (BRASIL, 2000, p. 52).

Infere-se, a partir da citação acima, que o procedimento do desenvolvimento da escrita assim como o avanço da leitura não pode ser introduzido de forma maquinal para os alunos. Por isso é importante que o professor (a), como intercessor desse ciclo, esteja atento nessa etapa de significação para as crianças. Portanto ao começar ampliar a escrita, o estudante expõe várias hipóteses em relação à escrita começando pelo próprio nome, em que partindo dos materiais escritos faz comparações entre desenho e grafia. A partir daí começa a distribuir letras e fazer combinações de palavras criando possibilidades de realizar a leitura, construir textos e interpretá-los.

Pensadoras da escrita como Teberosky e Colomer (2003, p.54) explanam que, “Ao escrever, a criança tenta encontrar as unidades sonoras que correspondem às letras e, para isso, faz uso de seus conhecimentos sobre os enunciados orais”. Compreende-se que as crianças quando inicia sua escrita um bom método a ser utilizado é a oralidade, por meio da repetição de palavras principalmente as que a criança já sabe pronunciar.

Através do som da fala, o aprendiz vai descobrindo a leitura, as sílabas e ao mesmo tempo a escrita, sem falar nos textos escritos que ajudam muito na compreensão e no desenvolvimento da escrita, cita-se: cartas, cartões de aniversários, diários, quadrinhos, rótulos, dentre outros que se incluem na diversidade textual. Por isso, mais uma vez, os trabalhos com textos se apresentam como ponto de partida e significação de ambas: leitura e escrita, lado a lado no decorrer do avanço da alfabetização.

No que tange a esse assunto, Ferreiro (2001, p.31) salienta que:

Nenhuma prática pedagógica é neutra. Todas estão apoiadas em certo modo de conceber o processo de aprendizagem e o objeto dessa aprendizagem. São provavelmente essas práticas (mais do que os métodos

em si) que têm efeitos mais duráveis a longo prazo, no domínio da língua escrita como em todos os outros.

Desse modo, são inúmeras propostas de atividades que o professor deve por em exercício na tentativa de ajudar formalmente a escrita social. Registrar a todo o momento as atividades realizadas pelos alunos, percebendo as diferenças na escrita entre as palavras. Pois, é através desses registros que o professor vai notar se o aluno está conseguindo avançar de nível ou não. Essas propostas podem ser trabalhadas em grupos. Além disso, pode-se ainda realizar atividades que ampliem a escrita e a leitura como: cruzadinhas, organização das letras em ordem alfabética, apresentação do alfabeto móvel e através dele explorar a escrita, identificação das letras nos textos trabalhados, o alfabetizador deve buscar sempre fazer associações entre os nomes e os desenhos, enfim existe uma série de sugestão que pode auxiliar e ajudar o aluno a ter sucesso nessa fase de aprendizagem.

3.2 O EDUCADOR E A PRÁTICA DOCENTE: CONTRIBUIÇÕES PARA APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS

Compreende-se que o desenvolvimento dos aspectos motores cognitivos e afetivos que a criança vivência na escola, são momentos delicados no período da alfabetização. Por isso é imprescindível que a atuação do docente que leciona como alfabetizador seja realizado com amor, compromisso e responsabilidade para não interferir, negativamente, no aprendizado dos estudantes. Já que essa é uma fase de expandir os saberes já trazidos pelos discentes e alargar os que ainda eles não conhecem tendo como peça-chave a leitura e a escrita.

Freire (2006, p.11) destaca que “A leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”. O hábito de ler proporciona o bem-estar e deve ser iniciado com as crianças desde muito cedo, quando ela ainda está no período de gestação. Ao contar uma história, os pais permitem uma comunicação e a criança percebe esse contato. Por isso esse envolvimento é importante, mesmo antes da criança ir para o colégio. Pois, na escola ela vai encontrar o suporte necessário na ampliação dos significados para suas leituras. Uma vez que a leitura se torna ponte no progresso educacional eficiente, proporcionando a formação integral do sujeito.

Além disso, grande parte da experiência humana é adquirida através da leitura, por essa questão é preciso que a leitura juntamente com a escrita seja praticada com regularidade, pois ler e escrever constantemente significa aprender a conhecer, interpretar, decifrar e distinguir os elementos fundamentais para a vida.

Nesse viés, Ferreiro (1999, p.23) afirma que,

Há criança que chegam a escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar-se muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua.

Dessa maneira, a leitura e a escrita têm a função de fazer com que a criança viaje através da leitura despertando alegria, emoções, sentimentos e conhecimento do mundo. De acordo com Ferreiro (2011, p.18) “[...] Não deveria existir dificuldades para aprender a ler, já que se trata de uma simples transcrição do sonoro para um código visual”. Afinal é um hábito a ser alcançado pelo prazer e não um hábito a ser adquirido de forma obrigatória.

Segundo Kleiman (2004, p.16):

Ninguém gosta de fazer o que é difícil de mais, nem consegue extrair o sentido. Essa é uma boa caracterização da tarefa de ler em sala de aula: para uma grande maioria dos alunos ela é uma tarefa difícil de mais, justamente porque ela não faz sentido.

Para que isso não aconteça à escola deve assumir o compromisso com a cidadania e com a formação de seres pensantes. Tendo em vista uma educação de qualidade que proporcione a interação do aluno contribuindo com o ensino-aprendizado, criando situações incentivadoras e inovadoras para os discentes.

Kato (2010, p.107) enfatiza que:

[...] é necessário que se tenha uma nova atitude diante da criança que vai ser alfabetizada. E é dessa nova atitude que vai depender, praticamente, o sucesso ou fracasso do aprendiz. Uma clara compreensão e consciência da aprendizagem da escrita, por parte dos educadores, poderiam não só minorar esses problemas como abrir novas perspectivas de entendimento do processo de alfabetização.

Nesse aspecto, vê-se que a leitura e a escrita são importantes na inserção dos sujeitos no mundo. Além disso, elas se configuram como uma ligação fundamental das diferentes linguagens e são o passaporte para interagir, compreender, pensar e sentir a responsabilidade de mudanças sociais.

Percebe-se que é na prática diária que o professor tem a oportunidade de refletir sobre suas técnicas pedagógicas, principalmente em se tratando de turmas do 1º ano, na qual o professor deve estimular os alunos a gostar da leitura e da escrita, alcançando uma aprendizagem significativa. Desse modo, a escolha dos textos a serem trabalhados em sala deve conter temas que envolvam aspectos reais do cotidiano dos discentes, oportunizando-os a interpretar, compreender o enunciado, utilizar informações dadas e estabelecer relações, além de enfrentar situações novas e variadas.

Smith (1971 apud KATO, 2010, p.132) menciona que:

As crianças aprendem facilmente sobre a língua falada quando estão envolvidas no seu uso, quando a língua tem possibilidade de fazer sentido para elas. E do mesmo modo as crianças procurarão entender como ler, sendo envolvidas no uso da leitura, em situações em que a língua escrita possa fazer sentido para elas e com isto elas possam gerar e testar hipóteses.

Diante desta concepção, é importante ressaltar que o professor deve partir dos conhecimentos prévios de seus alunos, pois os mesmos trazem consigo um amplo conhecimento de mundo. Nessa perspectiva, oferecer diversas propostas de atividades contextualizadas com a realidade do educando desperta o prazer da leitura e desenvolve as habilidades da escrita. Além disso, faz-se necessário propor textos diversificados e incentivar o processo de produção escrita.

Nesse sentido, os espaços educativos precisam ter o compromisso de ajudar o educador e o educando. O primeiro, a ser mediador em sala de aula. E o segundo, a ser o sujeito de sua própria aprendizagem. Para tanto, esses espaços devem apresentar uma prática pedagógica voltada para as necessidades do aluno possibilitando a formação crítica do indivíduo, tornando-o capaz de intervir nas decisões sociais.

Assim, o mediador fornecerá informações necessárias para facilitar a aprendizagem da criança nesse processo de construção da leitura e da escrita, ficando atento aos pequenos detalhes que ajudam na compreensão do processo de ler e escrever. Dessa forma o educador, na medida do possível, deve dar atenção a cada discente no momento de realização das leituras, respeitando a capacidade de cada um elevando sempre a autoestima dos estudantes no cotidiano da escola.

Além disso, para uma real efetivação da aprendizagem, os educadores precisam levar em consideração as concepções de escrita da criança, ponderando

todas as possibilidades que leva o educando a aprender com mais facilidades, propondo atividades inovadoras.

Nessa direção, a ação de aprender a ler e a escrever não pode estar envolvida numa técnica mecânica, descontextualizada da realidade dos discentes, sem vida, limitada apenas às letras, aos sons e às sílabas.

Nesta proporção Resende (2000, p.17-25) explana que:

Quando o professor pretende formar leitores, deve estar dispostos a mudar e enriquecer a sua forma de trabalhar [...] utilizar diferentes tipos de textos [...] criar situações reais da leitura, solicitando ao aluno que leia tendo um objetivo em vista [...] utilizar diferentes objetivos da leitura para que o aluno desenvolva a metacognição [...].

O autor ressalta a partir de sua fala, a importância do profissional trabalhar com diversas tipologias textuais e histórias infantis em sua didática diariamente.

Cada texto e história têm o seu objetivo e a sua função e podem ser trabalhados de diversas formas. Além disso, o texto pode trazer: informações quando se referir a notícias; emoção quando estiver falando de sentimentos; identificação ao tratar de leitura de outdoor; possibilidades de trabalhar o concreto com textos culinários que são as receitas e as histórias, principalmente as infantis, trazendo a ludicidade.

Existem várias formas de trabalhar com essas práticas de leitura, usando cartazes, imagens, panfletos, jornais e receitas. A leitura pode acontecer de maneira compartilhada, silenciosa e em voz alta ou dramatizada.

Nesse aspecto, a leitura está associada ao desenvolvimento da técnica de escrita da criança e traz o aprimoramento do seu vocabulário. Assim como ler em voz alta ajuda na oralidade e na interação dos educandos, proporcionando questionamentos sobre o que foi lido e criando uma ligação com o escrito.

O mesmo acontece com as leituras compartilhadas e dramatizadas que além de possibilitar o trabalho com atividades lúdicas, proporciona ao estudante a percepção de que a história tem suas próprias características, mas que as palavras ali escritas podem ser modificadas e a história reinventada.

Nessa perspectiva, o autor revela que todas as práticas de leitura, desde a doméstica até a escolarizada são fundamentais, posto que contribuam para a aquisição da escrita e funciona como uma ligação no decorrer da ampliação do conhecimento do alfabetizando. Dessa forma, enfatiza-se ainda, que o exercício da leitura é necessário e também fundamental no ambiente do alfabetizador.

3.3 A SALA DE AULA UM ESPAÇO-TEMPO DE EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA NO 1º ANO: IMPLICAÇÕES E DASAFIOS

A sala de aula é um espaço de encontro e convívio entre pessoas e, talvez, devido a esse fato surgem às implicações e os desafios oriundos dessa relação. Assim, necessita-se abordar a sala de aula como espaço-tempo de ensino e aprendizagem e, conseqüentemente como local de produção de conhecimento.

Dessa forma, o espaço sala de aula precisa ser um ambiente que promova, incentive e apoie a construção e o fortalecimento do aspecto cognitivo e afetivo das crianças. Nesse viés, esses educandos atuarão de forma ativa no processo de ensino-aprendizagem, bem como compartilharão do sucesso do mesmo. Para tanto, os educadores carecem estar preparados para mediar essa construção do saber, uma vez que é um processo que implica em desafios para a sua prática de ensino.

Sobre esse assunto, Moretto (2003, p.112) afirma que “[...] o professor precisa identificar, analisar e compreender as características de desenvolvimento psicológico e social de seus alunos para que seu ensino seja eficiente e eficaz”.

Nesse sentido, faz-se necessário incluir, no exercício da docência, momentos nos quais sejam feitas reflexões e críticas sobre as formas e os significados do ensinar e do aprender. Esses momentos são importantes para que os discentes percebam que terão orientações necessárias do professor quando surgirem às dúvidas, as inquietações e os questionamentos. Sendo assim, é preciso que os docentes conheçam a realidade da criança e pensem em ações que abarquem os aspectos do cotidiano desses docentes.

Nessa perspectiva, ressalta-se que o fracasso escolar e as dificuldades de aprendizagem que os professores encontram em alguns alunos podem estar vinculados às experiências sociais vivenciadas pelos educandos. O nível socioeconômico, a relação perante os afazeres dos pais no dia a dia, a quantidade de filhos e o grau de estudo dos pais se configuram como fatores sociais que interferem positiva ou negativamente na aprendizagem das crianças.

Por outro lado, necessita-se considerar também os aspectos psicológicos, já que as experiências extraclasse vivenciadas pelas crianças trazem reflexos e influências para o seu desenvolvimento na sala de aula. Fatores como a falta de atenção familiar e a falta de afetividade no convívio dos pais interferem

negativamente nas relações das crianças no ambiente escolar. E como reflexo desse convívio família surge atitudes como o mau comportamento, a ausência de concentração e atos de violência.

Além disso, aparecem problemas emocionais que causam ansiedade, tensão e afastamento da criança no âmbito escolar e ao mesmo tempo no seu cotidiano com familiares e amigos fazendo com que seu ritmo de aprendizagem fique prejudicado.

Outro ponto relacionado às dificuldades de aprendizagem está pautado na carência de apoio pedagógico e de recursos didáticos como: data-show, computador, mapas, revistas e dentre outros. Além disso, cita-se a conservação dos materiais utilizados pelo professor no intuito de despertar a atenção dos alunos, a saber: cartazes, murais, livros didáticos e até mesmo os de literatura infantil. Falta ainda, a participação ativa dos progenitores na vida escolar dos filhos e o acompanhamento nas atividades extraclasse.

Nesse pensar, Russo (2012, p.19) ressalta que “A sala de aula deve servir para despertar os sentidos do aluno, transformando-se em um local propício à aprendizagem”. Dessa forma, é de suma importância que todo espaço alfabetizador seja agradável, convidativo e que proporcione uma comunicação espontânea, a fim de atrair seu público-alvo, os quais precisam ser motivados para a interação dos aprendizados.

Sobre as dificuldades dos professores, Rios e Libânio (2009, p.18) acreditam que “não estão apenas relacionadas à criação da atividade, mas principalmente à falta de clareza sobre os objetivos e as metas a serem alcançadas na elaboração do Para Casa.”.

Entende-se que os docentes precisam ter clareza do que se pretende alcançar com as atividades “Para Casa” para que elas não sejam simplesmente uma forma de cumprir o seu planejamento diário. Vê-se também que os educandos acham difícil realizar essas atividades sem a ajuda dos familiares, o que faz com que os pequenos percam o interesse pelas mesmas, desvinculando-as do seu processo de ensino-aprendizagem. Já os pais se defendem justificando a ausência de disponibilidade para acompanhar a vida escolar dos filhos.

Nesse sentido, os fatores supracitados possivelmente podem influenciar e prejudicar os estudos dos discentes, em especial o desenvolvimento das crianças do

1º ano do ensino fundamental, pois é uma fase de grande relevância para a formação do sujeito.

Assim, a escola, o professor e a família formam o tripé imprescindível para o desenvolvimento dos discentes, uma vez que trabalhem em sintonia o sucesso no ensino-aprendizagem certamente ocorrerá. Para tanto os pais devem participar, sempre que possível, de todos os momentos escola⁷⁴es dos seus filhos, inclusive das atividades de casa. O que aumentará, desse modo, a produção do conhecimento do educando, além de criar um elo entre escola e família. Segundo Piaget, IN: Silva & Almeida (2008, p.265), [...] a aprendizagem é um processo de desenvolvimento intelectual, que se dá por meio das estruturas de pensamento e está estritamente relacionada à ação do sujeito sobre o meio.

Dessa forma, evidencia-se um desafio para os educadores: conhecer os aspectos emocionais e comportamentais de seus alunos. Assim, provavelmente fica mais fácil fazer uma abordagem significativa mediante aos enigmas encontrados, de modo que possam abordar novas informações adequadas e contextualizadas das linguagens. Além disso, é desafiante para o educador disponibilizar de fundamentação suficiente para fazer seu trabalho com qualidade, saber os conteúdos com competência e utilizar metodologias que favoreça a aprendizagem e a interação do aluno.

Nessa proporção, a preparação dos professores para perceberem o educando, caracterizá-lo e respeitá-lo em sua individualidade é um fator imprescindível na ação de ensinar e aprender, posto que cada sujeito seja composto por traços que os torna único. Além disso, outro desafio para o educador é conseguir a parceria da família e dos seus colegas para sustentar e desenvolver o processo educativo de aprendizagem da criança.

4. AS INTERVENÇÕES DIDÁTICAS NO ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA E OS BENEFÍCIOS PARA A APRENDIZAGEM DOS EDUCANDOS (AS) NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Este capítulo tem como propósito apresentar os resultados das investigações sobre as práticas docentes em relação à leitura e à escrita e as contribuições destas para o aprendizado e habilidades dos estudantes no contexto do 1º ano do Ensino Fundamental em escolas do Município de Cabaceiras do Paraguaçu-Bahia, buscando averiguar como estas práticas podem garantir para as crianças possibilidades de se tornarem cidadãs leitoras e escritoras competentes.

4.1 ANALISANDO OS RESULTADOS DAS INTERVENÇÕES DIDÁTICAS PARA A APRENDIZAGEM DOS EDUCANDOS (AS) NO 1º ANO DO FUNDAMENTAL

A leitura e a escrita se constituem como linguagens que perpassam pela vida do indivíduo desde sua infância até sua vida adulta, por isso, é preciso que o educador desenvolva práticas significativas de ensino, durante seus exercícios em sala de aula, oportunizando ao discente a aproximação e compreensão do lido com o escrito, entrelaçado com o ler e escrever, no qual através do entendimento por parte dos alunos, servirá para a consolidação da sua democracia e construção social enquanto pessoa de direito, cujo papel mais tarde será exercer sua cidadania com dignidade.

Segundo Freire (2006, p. 21) “A importância do ato de ler implica sempre percepção crítica interpretação e ‘reescrita’ do lido”.

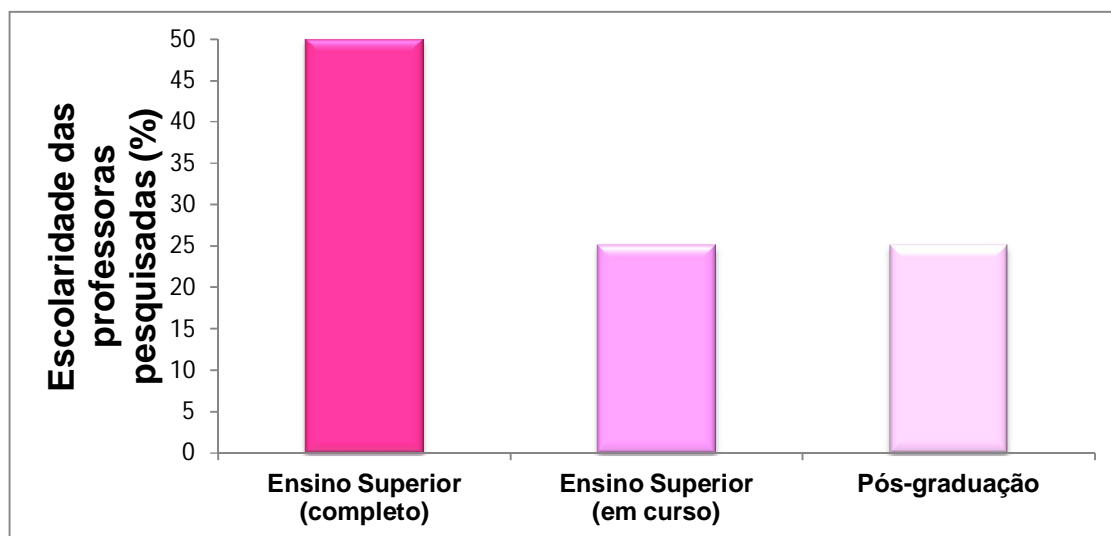
Percebe-se que a escola juntamente com professor precisa assumir o compromisso com a cidadania e a formação de seres pensantes. Tendo em vista uma educação de qualidade que busca a interação do aluno, sendo importante que seu espaço favoreça ações incentivadoras para os discentes acreditarem que a leitura e escrita são importantes para a inserção da comunicação na sociedade, constituindo um elo fundamental entre diferentes linguagens, perpassando pela responsabilidade de sentir e fazer acontecer mudanças sociais.

Neste contexto, é cabível ao educador atuante em turmas de alfabetização, planejar as aulas envolvendo aspectos reais do cotidiano do seu alunado permitindo-

o interpretar, compreender e saber utilizar informações do seu dia a dia. Diante do exposto, a formação acadêmica do professor se faz importante na elaboração do planejamento e execução das suas práticas em sala de aula. Assim, a mostra da pesquisa de campo foi realizada com duas professoras da escola K identificadas por P1, P2, uma professora da escola L denominada P3, uma professora da escola M identificada por P4, uma professora da escola W denominada P5, uma professora da escola X identificada P6, uma professora da escola Y denominada P7, uma professora da escola Z identificada P8.

Desta forma, na pesquisa realizada foi questionado o nível de escolaridade de oito professoras atuantes no 1º ano.

Figura 1 – Escolaridade das professoras que lecionam o 1º ano do Ensino Fundamental.



Fonte: Pesquisa desenvolvida em Cabaceiras do Paraguaçu – BA (2014).

De acordo com a Figura 1, o nível de escolaridade das oito professoras pesquisadas se distingue da seguinte maneira: cinco são graduadas em Pedagogia, destas uma possui pós-graduação em Gestão Escolar e uma cursa pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional, duas ainda estão cursando o ensino superior (Licenciatura em Pedagogia), Apenas uma possui Licenciatura em Biologia.

Assim, a Figura 1 descreve que 50%, um total de quatro professoras tem a formação superior, enquanto 25%, o que corresponde as duas, estão em processo de curso, e os outros 25% são referentes às professoras que já possuem pós-graduação.

Desta forma, nota-se o compromisso do docente com a formação profissional, conseqüentemente subentende-se com suas práticas de ensino e com a educação. Neste sentido, a qualificação do educador é de suma importância para desenvolver um trabalho eficaz, pois o professor capacitado tem experiência e conhecimento, além disso, aprimora ainda mais sua prática, facilitando seu ensino e permitindo desenvoltura nas aprendizagens das crianças.

Neste aspecto, é interessante que o docente tenha formação adequada para obterem resultados almejados. Retomam-se, as palavras de Cagliari (2009), quando afirma que há cada vez mais um número grande de professores conduzindo o processo de alfabetização, diferente do método das cartilhas, procurando equilibrar o processo de ensino.

Percebe-se que a maioria dos professores reconhece a importância da competência profissional como requisito para atuar com mais preparação e exercer na sala de aula suas habilidades. Vale salientar que a experiência das práticas escolares vinculadas a métodos que despertem o sentido do aluno principalmente tratando da leitura e da escrita no 1º ano do Ensino Fundamental, se torna necessária na mediação da formação do educando em contato com as linguagens referidas.

Diante disto, foi questionado o tempo de experiência profissional das professoras no 1º ano do Ensino Fundamental.

Tabela 1- Tempo de atuação das educadoras no 1º ano do Ensino Fundamental.

Atuação na área Ensino Fundamental	Quantidade professores	Porcentagem (%)
1 – 5 anos	4	50,0
6 – 10 anos	1	12,5
> 20 anos	3	37,5

Fonte: Pesquisa desenvolvida em Cabaceiras do Paraguaçu - BA (2014).

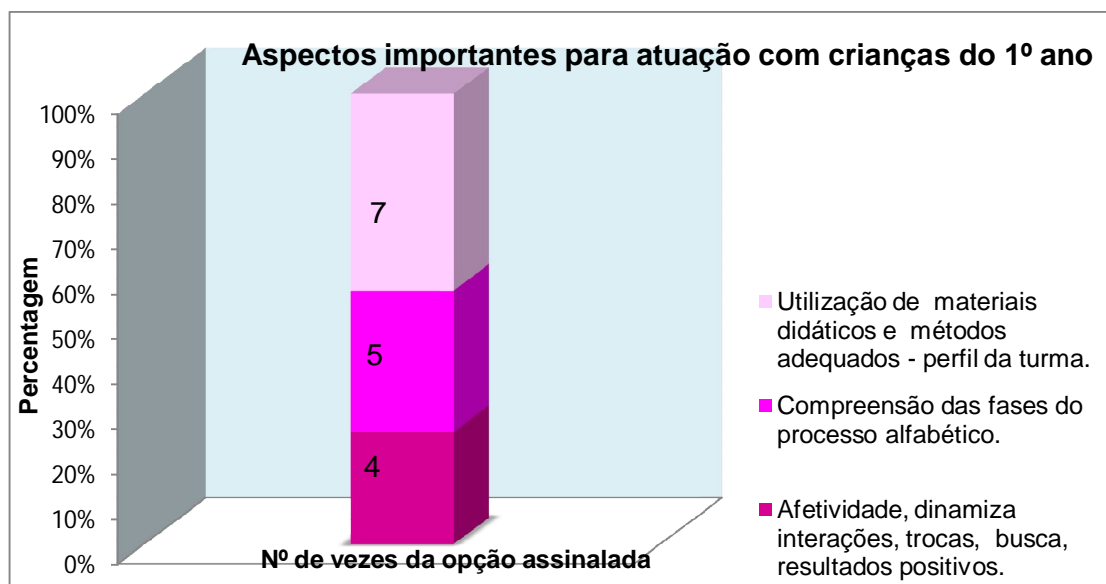
Na Tabela 1, constata-se que quatro das oito professoras pesquisadas atuam na área entre um a cinco anos, correspondendo a 50% do total das respostas obtidas, enquanto, três atuam há mais de 20 anos o equivalente a 37,5% das pesquisadas. Desse modo, os dados confirmam que a maioria das educadoras

possui uma trajetória de ensino entre um a cinco anos de experiência, com práticas associadas a turmas de 1º ano do Ensino Fundamental, constituindo-se como desafio para abranger um ensino de qualidade junto aos alunos. Ferreiro (2001, p.31) afirma que: “[...] provavelmente são práticas (mais do que os métodos em si) que têm efeitos mais duráveis em longo prazo, no domínio da língua escrita como em todos os outros.”

Coadunando com Ferreiro (2001), considera-se que as praticidades do educador no decorrer do período de profissionalismo se tornam mais eficazes que os métodos sem fundamentos. Mesmo não tendo muito tempo de atuação, ele pode apresentar propostas de práticas de ensinamento, visando melhorar sua atuação e criando metodologias que auxiliem suas atividades educativas em função de alcançar seus objetivos. Sendo importante a obtenção de resultados expressivos em relação às práticas trabalhadas e os aprendizados dos seus educandos (as).

Nesta perspectiva, as participantes foram questionadas sobre os aspectos que consideram importantes para atuar em classes do 1º ano.

Figura 2: Aspectos que as professoras consideram importante para atuarem em classes de crianças no 1º ano do Ensino Fundamental.



Fonte: Pesquisa desenvolvida em Cabaceiras do Paraguaçu - BA (2014).

A Figura 2 revela que 87,5% das educadoras, o correspondente a sete professoras compreendem ser necessário usar materiais didáticos e métodos

adequados de acordo com o perfil da turma. Isto sinaliza que elas preferem desenvolver suas práticas de ensino pautadas nos recursos didáticos e no perfil da sua turma.

Nesse sentido, é válida a observação das educadoras em perceber que a utilização de materiais e métodos que favoreçam a aprendizagem do aluno é importante para as habilidades das crianças, assim Ferreiro (2001, p.31) salienta que: “Nenhuma prática pedagógica é neutra. Todas estão apoiadas a certo modo de conceber o processo de aprendizagem e o objeto dessa aprendizagem”. Entende-se que as práticas desenvolvidas pelas docentes estão sempre voltadas para seu objeto-aluno na expectativa de ajudá-lo no processo de interação com o saber.

Por outro lado, é fundamental que os professores conheçam em que fase de aprendizagem alfabética encontra-se seu educando, justamente para integrar novas técnicas que lhe deem suporte e assegurem a ampliação de conhecimento do aluno.

As educadoras poderiam assinalar mais de uma opção, assim é interessante analisar os 65% de preferência das questionadas, equivalente a cinco professoras, em relação à compreensão das fases do processo alfabético, as quais perpassam a pré-silábica, hipótese intermediária silábica, silábica, silábico-alfabética e alfabética como fator indispensável para atuar em turmas do 1º ano.

Assim, reconhecer em que fase alfabética o aluno se encontra favorece o trabalho do docente, para que de fato os métodos aplicados no espaço alfabetizador sejam eficazes e realmente colaborem nas aprendizagens das crianças.

Desta maneira, a fase final, a hipótese alfabética, aponta que o discente está no nível mais avançado das fases. Segundo Ferreiro e Teberosky (1999), a partir da fase alfabética a criança enfrentará as dificuldades próprias da ortografia, porém não terá problemas de escrita, no sentido escrito, pois é o momento que está já aprendeu a escrever. Entende-se que o estudante nesta etapa já conhece as letras, consegue ler pequenos textos, visualizando a escrita como instrumento de comunicação no meio social.

A pesquisa mostra que 50% das professoras consideram importante o aspecto da afetividade para atuar nas classes de alfabetização e proporcionar através deste, momento enriquecedor na construção do saber.

Segundo Piaget, IN: Silva & Almeida (2008), a aprendizagem como desenvolvimento intelectual, se dá por meio das estruturas de pensamento e está

relacionada à ação do sujeito sobre o seu meio, partindo da sua interação. Infere-se, que os professores precisam considerar a realidade em que seus alunos estão inseridos, procurando sempre conhecer o convívio destes fora do ambiente escolar, deixando transparecer para o discente que seu professor se preocupa com ele, encontrando-se pronto para auxiliar quando for preciso e demonstrar afeto nas situações diversas. Conciliando com a observação no decorrer da pesquisa de campo, foi possível perceber essas três variáveis partindo das professoras para os alunos.

Por conseguinte, foram colhidas informações sobre a importância de organizar a sala de aula em prol do alfabetizando.

Quadro 1 – Recursos utilizados pelas professoras do 1º ano na organização do ambiente alfabetizador em sala de aula.

Variáveis	Nº de vezes assinaladas	(%)
Alfabeto	6	75,0
Calendário	6	75,0
Mural	6	75,0
Cartazes	5	62,5
Biblioteca	1	12,5
Outros: Portador de textos para leitura coletiva	1	12,5
Outros: Cantinho da leitura e da matemática	1	12,5

Fonte: Pesquisa desenvolvida em Cabaceiras do Paraguaçu - BA (2014).

O Quadro 1 confirma que 75% das docentes consideraram indispensável a presença de recursos que aprimorem as informações para o colegial. Acreditam que a arrumação da sala de acordo com o perfil da turma e a facilidade de manuseio de materiais beneficia o aprendizado do educando. Kato (2010) afirma que é necessário ter uma nova atitude diante da criança que vai ser alfabetizada. Sendo que dessa atitude vai depender, praticamente, o sucesso ou fracasso do aprendiz.

Acredita-se que o trabalho com diferentes métodos e recursos colabora para motivar o aluno a compreender melhor o conteúdo exposto em aula, e se torna significativa para este quando suas produções são expostas no espaço que contempla seu desenvolvimento. De fato, no período da observação encontrou se

suportes de arrumação revelados, funcionando junto com as docentes como auxiliares na preparação da aquisição do conhecimento das crianças.

Assim, ressalta-se a presença dos 62,5% das cinco entre as oito professoras apontando o cartaz como um auxílio para organização e material didático nas estratégias das educadoras. No entanto o cantinho da leitura riquíssimo para o desenvolvimento e formação do leitor aprendiz, aparece com baixa marcação pelas professoras apenas uma das oito utiliza este recurso no ambiente alfabetizador. Esta estratégia poderia ser usada para que as aulas tornassem mais dinâmicas e favorecesse o desenvolvimento da leitura e escrita da criança. Ambos os recursos utilizados, exceto o cantinho da leitura permitem entender que estes profissionais são dedicados as suas práticas enquanto docentes que se preocupam com o futuro dos seus estudantes. Desta maneira houve questionamento sobre como deve ser as aulas de alfabetização.

Tabela 2 – Considerações das professoras sobre as aulas de alfabetização.

Variáveis	Nº vezes assinalada	Percentagem (%)
Um trabalho diário - práticas de leitura e escrita.	7	87,5
Atividades relacionadas à linguagem.	5	62,5
Trabalho com treino ortográfico e caligrafia.	3	37,5
Atividades relacionadas à memorização do alfabeto	1	12,5

Fonte: Pesquisa desenvolvida Cabaceiras do Paraguaçu - BA (2014).

De acordo com os dados levantados na tabela 2, no questionamento feito havia a possibilidade de escolher mais de uma alternativa, constata-se que 87,5%, sete das oito docentes pesquisadas, valorizam as práticas de ensino da leitura e da escrita, as quais acreditam que estes exercícios devem acontecer diariamente servindo como apoio para o discente aperfeiçoar seu estágio como alfabetizando na lecto-escrita.

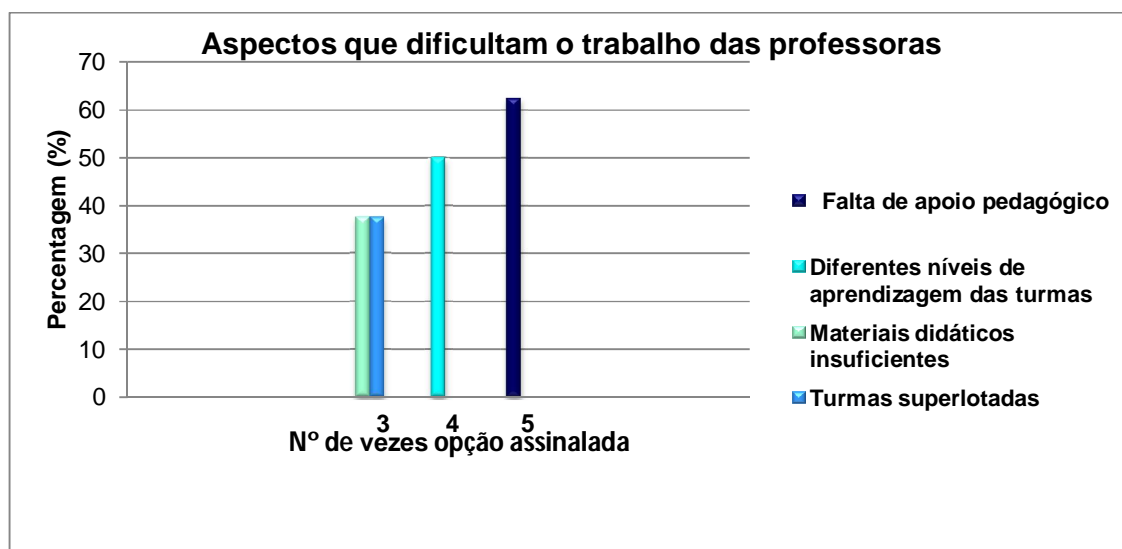
Nesta perspectiva, observou-se na pesquisa de campo que, parte das professoras utilizou as práticas do ler e escrever de forma significativa, constatando que a maioria dos educandos acompanhava a realização das atividades, interagindo com o mediador, mostrando segurança nas leituras e nas escritas. Enquanto uma

minoria não acompanhava, revelando neste caso, a necessidade do educador atentar-se para esses alunos, verificando quais os fatores que estão impedindo a efetivação da aprendizagem, na busca de possível solução para essa problemática.

Dessa forma, é importante que as práticas de leitura e escrita estejam interligadas uma a outra nos procedimentos de ensinamentos e que ambas estejam articuladas com as atividades propostas pelo educador. A este respeito, o PCN (2000, p.52) destaca que, “Apesar de apresentadas como dois sub- blocos é necessário que se compreenda que leitura e escrita são práticas complementares, fortemente relacionadas, que se modificam mutuamente no processo de letramento [...]”. Assim o estudante começará a entender o valor das linguagens citadas como enriquecimento para a sua desenvoltura enquanto pessoa participante do processo de alfabetização e letramento.

Nessa direção, os 62,5% correspondente a cinco das oito professoras, ressaltaram atividades relacionadas com linguagens, estando inclusas nesse mesmo patamar, pois a leitura e a escrita podem ser trabalhadas de maneira diversificada, usando inclusive a oralidade e textos, fazendo-se imprescindível diante das inovações sociais. Mediante os aspectos que dificultam o trabalho das oito professoras pesquisadas (FIGURA 3), em turmas do 1º ano pode-se observar que:

Figura 3 – Aspectos que dificultam o trabalho das professoras no 1º ano do Ensino Fundamental.



Fonte: Pesquisa desenvolvida Cabaceiras do Paraguaçu - BA (2014).

De acordo com a Figura 3, o equivalente a 62,5% das educadoras, num total de cinco das oito pesquisadas, afirmam que a causa mais relevante que dificulta o trabalho do professor está relacionada à falta de apoio pedagógico e 50%, quatro das oito, dizem que são diferentes níveis de aprendizagem da turma. Os 37,5%, aproximadamente três das oito, discordaram desse problema para sua ação na sala. Isto evidencia que os motivos pelos quais o aluno mostra dificuldade em aprender possivelmente encontram-se vinculados aos fatores que obtiveram mais êxito.

Segundo Moretto (2003, p.112) “[...] o professor precisa identificar, analisar e compreender as características de desenvolvimento psicológico e social de seus alunos para que seu ensino seja eficiente e eficaz.”

Entende-se que muitas vezes o aprender do aluno sem sucesso está associado com a interação e influência do seu círculo social e cognitivo, os quais podem desencadear nos discentes circunstâncias que envolva o seu estado emocional e social, não conseguindo os mesmos, a concentração para abordagens das atividades.

Desta maneira, faz-se necessário os mestres conhecerem as vivências das crianças e criarem novas metodologias em função de amenizar e /ou evitar casos de fracasso escolar através das suas práticas de ensino. No ensejo, não foi observado nenhum acontecimento por parte dos alunos que demonstrasse atraso nas suas habilidades de escrever e ler devido aos diferentes níveis de aprendizado.

Em comum encontra-se um desconforto por parte dos educadores em relação às dificuldades de aprendizagens específicas das crianças e a falta de apoio pedagógico. Para Russo (2012) a sala de aula deve despertar os sentidos dos alunos, transformando-se em local favorável à aprendizagem. Assim, é pertinente que a sala do alfabetizador permaneça com arrumação e organização adequada, sendo interessante que os docentes tenham sempre acompanhamento e subsídio do pessoal pedagógico, orientando-os e compartilhando saberes, para que eles possam contemplar o local de alfabetização acumulando sentido para os discentes.

Foi pertinente questionar as professoras sobre as principais dificuldades apresentadas por parte dos alunos em relação à leitura e à escrita (QUADRO 2).

Quadro 2 – Principais dificuldades apresentadas pelas professoras em relação à leitura e escrita dos alunos (as) do 1º ano.

Variáveis	Nº de vezes assinaladas	Percentagem (%)
Os alunos que não tinham acompanhamento dos pais no dia a dia escolar.	8	100
Os alunos que estavam desmotivados.	3	37,5
Os alunos que só memorizam as palavras lidas no texto e depois esqueciam.	1	12,5
Os alunos que não reconheciam as letras.	1	12,5
A ausência de recursos que a escola não proporcionava para alfabetizar.	-	-

Fonte: Pesquisa desenvolvida em Cabaceiras do Paraguaçu - BA (2014).

No Quadro 2, por meio dos dados, constatou-se que 100% das pesquisadas, descrevem que a principal dificuldade encontrada nas classe de alfabetização em relação a leitura e a escrita dos educando, constituiu na falta de acompanhamento dos pais no dia a dia do escolar. Percebe-se a importância da presença da família no decorrer das atividades extraclasse, pois com suas orientações e reforços, a aprendizagem do filho acontecerá com mais rapidez e significação.

Conforme Rios e Libânio (2009), as dificuldades dos professores não estão apenas relacionadas à elaboração da atividade, mas pela falta de clareza sobre as finalidades e metas a serem atingidas na preparação das atividades extraclasse.

Referente a esse posicionamento, é pertinente que a escola, professores e pais estabeleçam parceria em prol dos benefícios que ambas as junções trazem para a construção do conhecimento da criança. Logo, somente a escola não dá conta dessa função, do mesmo modo o professor não é o único responsável pela formação dos discentes, sendo fundamental a relação de companheirismo e apoio dos pais permitindo aos filhos, enquanto alunos segurança e avanços nos estudos.

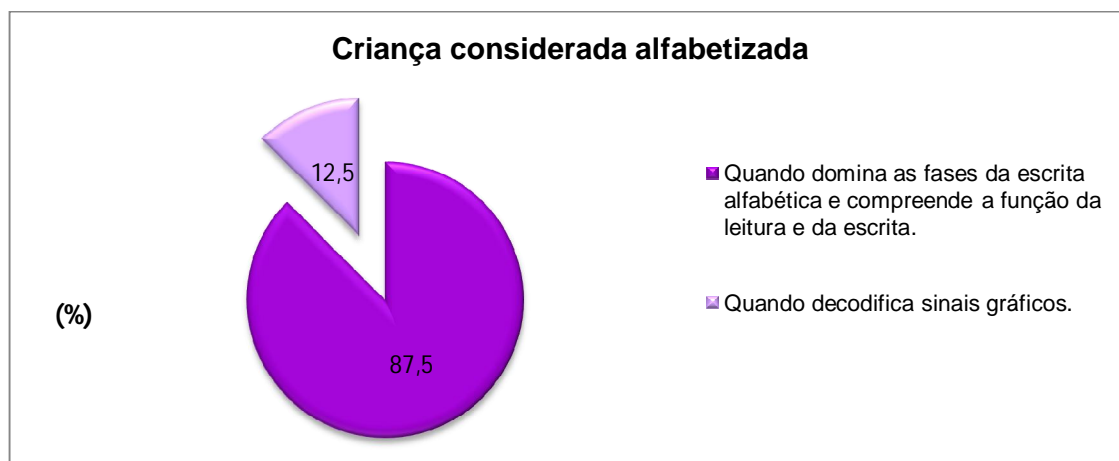
Outro ponto a discutir de acordo com os dados apresentados são os alunos que chegam à sala de aula, desmotivados. O equivalente 37,5% das professoras confirmam esta causa como prejudicial para trabalhar a leitura e a escrita com crianças nesta circunstância, assim pode-se citar por trás dessa falta de motivação a fala de Moretto (2003) o professor precisa conhecer e avaliar as características de

desenvolvimento psicológicas e sociais dos seus alunos para que seu ensino seja adequado e ativo, fala posicionada na discussão da Figura 3, provavelmente o aluno que chega a escola sem motivação para os estudos necessita de atenção especial para que o docente compreenda a causa da desmotivação podendo está unificada com fatores sociais: alimentação, moradia, recursos financeiros ou emocionais falta dos pais, afeto, motivação, domínio prévio, maturação, inteligência.

Então, é considerado que os educadores se atentem para estas questões prejudiciais na evolução e ampliação do conhecimento da criança como todo. Neste ponto de vista não foi observado nenhum caso específico em relação às referidas dificuldades no período da pesquisa de campo entre os alunos.

Diante disso, as professoras foram questionadas sobre qual momento a criança é considerada alfabetizada.

Figura 4 – Momento em que a criança é considerada alfabetizada pelas professoras



Fonte: Pesquisa desenvolvida em Cabaceiras do Paraguaçu - BA (2014).

A Figura 4 mostra os 87,5% analisado das sete dentre as oito professoras, que a criança já está alfabetizada quando ela domina a escrita alfabética incluindo suas fases, e compreende a importância da leitura e escrita como comunicação, sendo está habilitada para ler e escrever por si própria.

Na ocasião das observações, foi possível identificar os alunos lendo sozinhos no cantinho da leitura arrumado pela professora. Segundo a professora, esta prática é realizada diariamente entre as variadas formas de explorar as leituras com os

discentes ao passo que permite comentários sobre a história lida para os estudantes interagirem e compreenderem o que foi lido.

E assim, foi notável que os alunos já dominam as fases da escrita alfabética, inclusive pediram a professora para copiar no quadro, demonstrando alegria em fazer seus deveres. Soares (2003, p. 47), afirma que “[...] a alfabetização é concebida como a ação de ensinar/ aprender a ler e a escrever.” Constata-se que alfabetização cuida em alfabetizar o aluno e nesta técnica o alfabetizado é o indivíduo que adquire habilidades de ler e escrever, sem possuir propriedade ou condição para as práticas sociais do lido e do escrito. Soares (2003) em suas pesquisas confirma a ação de alfabetizar sendo diferente do letrar, que envolve o indivíduo saber fazer uso da leitura e da escrita perante as demandas sociais. Então compete aos alfabetizadores mediar suas práticas de ensinar a ler e escrever, permitindo ao alfabetizado condições de se envolver socialmente com a leitura e escrita e tornar-se letrado.

Na oportunidade, indagou-se sobre a possibilidade do professor trabalhar leitura em classes em que as crianças ainda não estão alfabetizadas, e os dados revelaram o total de 100% de aprovação das oito professoras respondendo que sim. Dessa forma, os docentes têm uma visão atenta, ao perceber que mesmo existindo em sala de aula, crianças sem estarem alfabetizadas é imprescindível o trabalho com a leitura, possibilitando que o aluno desperte o gosto pela leitura, permitindo ao mesmo entender o papel social que esta tem para a vida do sujeito.

Algumas professoras relataram suas opiniões sobre possíveis práticas que podem ser desenvolvidas perante a circunstância referida e a importância da leitura para as pessoas.

P1: “Através de leituras diversificadas os alunos vão criando hábitos e gosto pela leitura.”

P2: “O professor pode utilizar imagens e palavras e mediar o processo de ensino.”

P3: “A leitura é utilizada como direcionamento para resultados significativos”.

P4: “Ler não significa apenas a decodificação da escrita, a aprendizagem da leitura também se dá através da escuta e se as crianças ainda não são alfabetizadas, a leitura será trabalhada com técnicas para a alfabetização.”

P5: “Porque o aluno deve entender a importância da leitura.”

As falas apontam práticas auxiliadoras para estimular, aguçar e fazer as crianças não alfabetizadas compreenderem a leitura, mesmo sem saber ler, elas podem ser motivadas constantemente para a construção dessa aprendizagem.

Smith (1971 apud KATO, 2010, p. 132), diz: “As crianças procurarão entender como ler, sendo envolvidas no uso da leitura, em situações em que a língua escrita possa fazer sentido para elas e com isto elas possam gerar e testar hipóteses.”

Deste modo, o professor pode ficar à vontade na utilização dos exercícios de leitura em sala, pois é desafiante para o aluno descobrir como se consegue ler, provavelmente com o envolvimento na leitura associada com a escrita de forma contextualizada é que os educandos (as) alcançarão esta descoberta fazendo suas tentativas e suposição até conseguir ler normalmente.

Neste propósito, foi questionado as professoras se elas ajudam seus alunos quando percebem que não estão conseguindo ler, e as respostas obtidas atingiram a unanimidade do 100%. As oito participantes, justificaram acrescentando que:

P1: “Geralmente, uso alguns minutos do recreio ou coloco toda turma para realizar uma atividade, enquanto fico com o aluno retornando o que ele não consegue aprender, o auxílio em casa também é pedido.”

P2: “Inicialmente tento identificar as dificuldades desse aluno no processo, uma vez que percebo quais são, planejo intervenções que facilitem a aprendizagem para os mesmos.”

P3: “A partir de palavras retiradas dos textos lidos faz-se análise como: Qual é a letra inicial? Qual é a última letra? Quantas letras têm? Em seguida peço para ele formar a palavra com o alfabeto móvel.”

P4: “Incentivando através da literatura.”

P5: “Procuro conhecer melhor a realidade desse aluno e busco fazer a inserção do meio que o aluno é orientando para facilitar a compreensão.”

P6: “Trabalhando diversas leituras através do lúdico levando para sala jogos educativos.”

P7: “Dar mais atenção coloco perto de mim, trabalho leitura com, várias formas de texto, ditado etc.”

P8: “Acrescento mais estratégias metodológicas, na utilização de um mundo onde o lúdico tem valor e motivação ao fazer.”

Conforme Smith (1971 apud KATO, 2010, p. 132) “As crianças aprendem facilmente sobre a língua falada quando estão envolvidas no seu uso, quando a língua tem possibilidade de fazer sentido para elas.”

Portanto, é necessário acontecer o esforço por parte do educador. Assim, ao propor atividades que envolvam os alunos com linguagens do ler e escrever, torna mais fácil o seu ensinar, oportunizando aos discentes realizar atividades com sentidos para avançar na leitura e na escrita. Deste modo, o alfabetizador conseguirá alfabetizar em tempo oportuno seu aluno. Vale lembrar o apoio da base familiar neste procedimento de integração e formação da criança. Assim os exercícios referentes aos conceitos das professoras, como forma de ajudar o estudante, fornecerão subsídios indispensáveis para o seu aprendizado.

No ensejo, as participantes da investigação foram questionadas sobre como é trabalhada a escrita no decorrer de suas aulas, (TABELA 3):

Tabela 3 – Como as professoras trabalham a escrita nas aulas de alfabetização com aluno do 1º ano.

Variáveis	Nº vezes assinalada	(%)
Incentiva a prática de leitura e construção de texto/ mostrando a importância para formação da pessoa na sociedade.	6	75,0
Reescrita de textos lidos com as próprias ideias do aluno.	5	62,5
Produção de texto individual.	-	-
Produção de texto em grupos.	-	-

Fonte: Pesquisa desenvolvida Cabaceiras do Paraguaçu - BA (2014).

A Tabela 3, demonstra que seis das oito professoras, o equivalente a 75 % assinalaram o incentivo às crianças a praticar a leitura e construir texto mostrando a importância que os dois têm para a formação da pessoa na sociedade, e o correspondente a cinco das oito questionadas, 62,5 % apontaram a reescrita de textos lidos com as próprias ideias do aluno.

De acordo com as respostas, as professoras estão utilizando métodos adequados para motivar o educando para se sentir capaz de produzir seus próprios textos tornando-se autor de sua própria produção. Além disso, os profissionais com estas estratégias revelam que permitem ao educando reconhecer o quanto a leitura e escrita é importante no seu meio social, haja vista os educadores precisam se comportar com uma parcela de responsabilidade neste percurso.

Nesta direção, Soares (2003, p. 69) aponta que “As habilidades de escrita estendem-se da habilidade de registrar unidades de som até a capacidade de transmitir significado de forma adequado a um leitor potencial.” Desta forma, a seriedade de ensinar com diferentes tipos de textos e diversificados objetivos a serem almejados, pode contribuir no aprendizado das crianças, logo elas vão perceber o quanto é indispensável aprender a ler e escrever na escola para usá-la no seu cotidiano.

Consequentemente, esse sucesso depende da dedicação que o docente necessita ter quando exercita sua função de mediar seus conhecimentos entre alunos. No decorrer das observações, foi notável a atenção das professoras no sentido de incentivar os alunos a realizar a leitura. Entretanto, apesar das docentes afirmarem que trabalham com reescritas de textos, no qual os estudantes usam suas próprias ideias para reescreverem, não foi notada esta técnica durante o período de observações, mas isso não significa que as práticas não aconteciam em outros momentos.

No que se refere à definição do processo de letramento em sala de aula, obteve-se as seguintes informações:

Tabela 4 – Definição das docentes sobre o processo de letramento em sala de aula de alfabetização.

Variáveis	Nº vezes assinalada	Percentagem (%)
Função social ler e escrever/proporciona habilidades ao aluno/tornar letrado capaz de exercer no grupo social práticas de leitura e escrita com propriedade.	7	87,5
Mecanismos formais de aprendizagem da leitura e da escrita.	1	12,5

Processo pelo qual se adquire o domínio de código das habilidades ler e escrever, técnicas necessárias para exercer a arte e ciência da leitura e escrita.	1	12,5
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---	------

Fonte: Pesquisa desenvolvida Cabaceiras do Paraguaçu - BA (2014).

A tabela 4 demonstra que sete das oito professoras questionadas, um total de 87,5 % sinalizaram a função social do ler e escrever que proporciona habilidades ao aluno de se tornar uma pessoa letrada capaz de exercer no seu grupo social as práticas de leitura e a escrita com propriedade. As respostas das professoras indicam que 87,5% reconhecem e sabem o quanto é importante alfabetizar letrando, e assim mostram que o aprender a ler e escrever sem a intervenção do letramento não é satisfatório para a inserção da criança no mundo letrado. Segundo Soares (2003, p. 47), “[...] letramento: estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”.

Diante desta reflexão, a criança ao apropriar-se da leitura e da escrita, sendo alfabetizada tornará uma pessoa letrada capaz de exercer no seu grupo social estas competências com sabedoria. Para isso, cabem aos educadores mediar articulações entre a leitura, a escrita, a prática e o aluno, na interação com as funções sociais da leitura e escrita favorecendo aos discentes condições de responder as exigências demandadas pela sociedade.

A partir desta concepção, questionaram-se as professoras acerca de quais materiais são utilizados e considerados apropriados para realização da leitura de forma prazerosa e que ao mesmo tempo, é um apoio para desenvolver com mais facilidade a prática de ler e escrever do educando. Para tanto, verificou-se as oito professoras envolvidas na pesquisa (100%), afirmaram que são necessários vários tipos de textos como: cartas, bilhete, jornais, revista em quadrinhos poema entre outros e livros como: didáticos, infantis, contos, paradidáticos, literários entre outros.

De acordo com Kleiman (2004, p.16), “Ninguém gosta de fazer o que é difícil demais, nem consegue extrair o sentido. Essa é uma boa caracterização da tarefa de ler em sala de aula [...]” Por isso há necessidade dos professores aperfeiçoarem suas práticas usando, por meio de diferentes métodos pedagógicos, atividades motivadoras que propiciem aos educandos (as) vivências lúdicas. Sobretudo quando for trabalhar com textos, apresentá-los fazendo uma correlação com a realidade mais próxima dos pequenos, na busca constante de inovar suas práticas, sendo

capazes de ensinar com possibilidades para o educando construir sua aprendizagem de forma significativa.

Importante declarar que na ocasião da observação, foi possível perceber materiais como livro didático, história infantil, usados como ferramentas no auxílio e suporte na prática das professoras para a realização de leitura junto ao alunado.

Nesta abordagem, as participantes foram interrogadas a respeito das estratégias de leitura que trabalham com seus alunos para aguçar o gosto pela leitura, sendo verificado que as oito (100%) responderam leitura coletiva, compartilhada, silenciosa, em voz alta, individual e espontânea.

Com este resultado as opiniões das educadoras são pertinentes, pois quanto mais os alunos terem contatos com diferentes meios da leitura e escrita mais oportunidades terão para aprender a ler e escrever, conseqüentemente se formará leitores críticos e competentes capazes de aprender os códigos e decodificação da leitura e escrita como entendê-las e se envolver com os resultados alcançados.

A esse respeito, Resende (2000) afirma com propriedade acerca de que “Quando o professor pretende formar leitores, deve estar dispostos a mudar e enriquecer a sua forma de trabalhar [...] utilizar diferentes tipos de textos [...] criar situações reais da leitura, solicitando ao aluno que leia tendo um objetivo em vista.”

Nesse sentido, o professor precisa trabalhar diariamente a leitura e a escrita como meta principal para o desenvolvimento da aprendizagem do educando, e ao estudante disponibilizar vários meios que incentivem o gosto pela leitura, assim o docente permeia no espaço alfabetizador que ler é prazeroso e não se faz só por obrigação, ao mesmo tempo a leitura e a escrita são parceiras no processo de ensino e aprendizagem das crianças, igualmente na sua alfabetização.

Deste modo, explanar essas metodologias em sala através dos educadores é provocar o aluno a querer participar lendo junto com os colegas, ao passo que aprimora sua leitura juntamente a escrita, pois uma está interligada a outra.

Neste contexto, é válido salientar que no período das observações, as professoras fizeram uso das referidas estratégias e os discentes receberam com entusiasmo, interagindo com as orientadoras.

Mediante o pressuposto, as professoras foram questionadas sobre o que significa ser um bom alfabetizador. Elas descreveram que:

P1: “Um bom alfabetizador significa democratizar a vivência de práticas de uso da leitura e da escrita e ajudar o discente, ativamente reconstruir essa invenção social que é a escrita.”

P2: “Ter dedicação, levando os instrumentos que auxiliie os trabalhos, conhecendo a realidade e vivências do aluno.”

P3: “É despertar o interesse dos alunos. Ser dinâmico, ser um mediador do conhecimento, saber passar os conteúdos de uma forma clara e objetiva.”

P4: “Um bom alfabetizador é aquele que conhece os seus alunos e sabe quais são suas dificuldade. É aquele que trabalha em cima das dificuldades deles e não desiste do aluno por mais difícil que seja.”

P5: “Ser um bom alfabetizador é criar condições para que o aprendiz compreenda o sistema de escrita, leitura e oralidade, possibilitando ao mesmo a reflexão sobre sua aprendizagem como prática social.”

P6: “Para ser um bom alfabetizador significa desenvolver pensamento crítico e reflexivo, possibilitando o contato com diferentes ideias, experiências e construção da escrita e de todo processo cognitivos.”

P7: “É aquele que trabalha as dificuldades da turma, sempre inovando sua prática pedagógica.”

É permitir sair do mero papel de telespectador, para a atitude da apreensão e elaboração da própria capacidade para criar dialogar com a realidade educativa, visando a sua compreensão e construção de novos caminhos para prática docente (P8, 2014).

De acordo com as informações acima, as respostas das professoras permitem considerar uma concordância das docentes quando revelam fatores importantes e necessários que todo alfabetizador necessita conhecer, e exercer com seus alfabetizados. Nos quais tais aspectos levado em consideração pelo professor, ajudará nas desenvolturas das suas praticidades e permitirá um ensinamento mais dinâmico, conhecedor das vivências dos alunos com mediação satisfatória para enriquecer as habilidades das crianças frente ao conhecimento.

Faz-se necessário apresentar a importância das opiniões das alfabetizadoras envolvidas na pesquisa, pois elas têm ciência do seu papel que é contribuir na alfabetização das crianças, ensinando-as ler e escrever em tempo hábil e assim, consentir que ao longo da sua formação, ela não só aprenda ler e escrever mais saiba fazer uso destas linguagens de forma habilidosas e competentes.

Cavalcante, (1997) afirma que, o processo de alfabetização, funciona como eixo principal da escolaridade básica, iniciando logo nas primeiras classes, porque é necessário que as crianças aprendam a ler com competência logo que possível para saber utilizar adequadamente textos escritos como ferramentas de base às situações de aprendizagens, estando inclusa também as leituras e as escritas igualmente à comunicação destas por trás dos diversificados textos.

Neste sentido Teberosky e Colomer (2003) dizem que, a teoria condutista no âmbito educativo acredita que a melhor idade para se começar a instrução em leitura e escrita seria aos seis anos, cuja idade é favorável porque a criança já alcançou o nível de desenvolvimento desejado, chegando à fase do 1º ano com vastos conhecimentos e ao docente fica a incumbência de ampliá-lo especialmente por meio da leitura e da escrita.

Em observância aos conceitos das professoras, fica perceptível a experiência que cada uma tem e desempenha junto as suas práticas, porquanto são explanadas através das falas citadas que as crianças envolvidas com as praticidades destas educadoras perpassaram por experiências de aprendizagem significativa, favorável e positiva, servindo como alargamento para construção do seu conhecimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo discutiu a importância da prática docente e de suas contribuições em relação ao ensino da leitura e da escrita para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças do 1º ano do Ensino Fundamental, considerando o ato de ler e escrever um exercício favorável em turmas do 1º ano.

Nesse contexto, foram analisadas as influências das escolhas didáticas das docentes nas práticas de ensino da leitura e da escrita e os benefícios das mesmas para ampliação do conhecimento dos discentes em escolas da Cidade de Cabaceiras do Paraguaçu na Bahia.

Sendo assim, o domínio da leitura e da escrita, nessa etapa de ensino, como ampliação do conhecimento e da necessidade das crianças para atender as demandas dos níveis educacionais posteriores, precisam fazer parte da educação, não apenas como aquisição de códigos de linguagens do ler e do escrever sem fundamentos, mas como uma ferramenta para desenvolver o educando nas situações de uso da comunicação entre as pessoas e o meio social.

Dessa forma, constatou-se que a metodologia utilizada pelas professoras pesquisadas foi planejada, focando as práticas sociais da leitura e da escrita, possibilitando experiências prazerosas e criativas. As educadoras utilizaram recursos como: cantinho da leitura decorado, livro de história infantil (fábula), cartaz no qual estava escrita a leitura trabalhada, folhetos com personagens de histórias infantis, dramatização na qual os alunos participaram ativamente sendo personagens da história contada, logo após, abria discussões e comentários relacionando-os com as vivências dos mesmos. Deste modo, atraiu-se o interesse dos estudantes pela aula.

Nesse viés, percebeu-se que as discussões de estudiosos em torno das práticas sociais da leitura e da escrita estavam presentes nas metodologias utilizadas pelos docentes, direcionadas para um ensino-aprendizagem mais dinâmico, o que permitiu comunicação e interação entre os sujeitos no uso social.

Verificou-se que as professoras demonstraram competência, determinação, dedicação e compromisso na execução do seu papel de educadoras e mediadoras dos saberes, sobretudo, quantos aos aspectos relacionados à educação e ao perfil de seus alunos como: as vivências do meio social em que o aluno está inserido, falta

de acompanhamento dos pais em relação às atividades extraclasse, falta de apoio e recursos pedagógicos, bem como a desmotivação do próprio aluno. Ressalta-se que apesar de alguns problemas encontrados na sala de aula, é um desafio para o professor ajudar o aluno que possui dificuldade na leitura ou na escrita.

Os objetivos da pesquisa foram alcançados na medida em que as professoras não demonstraram dificuldades e limitações, no que diz respeito a sua prática pedagógica para lecionar no 1º ano do Ensino Fundamental e para garantir benefícios à aprendizagem da criança.

Assim, este estudo sugere para os professores atuantes em classes do 1º ano do Ensino Fundamental, uma análise da práxis docente nesse contexto de conhecimento e educação de base para os discentes em processo de desenvolvimento, tendo em vista a aquisição das habilidades da leitura e da escrita como fatores significativos para a sua formação.

Nessa direção, ressalva-se recomendação aos docentes, que no decorrer de suas atividades em sala de aula, proporcionem recursos e suportes suficientes aos discentes, auxiliando-os e contribuindo para o seu aprendizado como alfabetizando que estão inseridos no contexto educacional.

O professor deve primar pela qualidade do ensino da leitura e da escrita, não tratando apenas como aquisição de códigos, mas cuidando de compartilhar saberes que envolvam o uso da leitura e da escrita de forma que as crianças aprendam, compreendam e façam a utilização correta das mesmas nas etapas posteriores do ensino. Além disso, faz-se necessário que as crianças exerçam bem as funções da leitura e da escrita deliberadas pela sociedade.

Este estudo tem a função de colaborar para outras pesquisas a partir das reflexões tecidas a respeito das práticas de professores que atuam no 1º ano do Ensino Fundamental. Assim, as práticas que englobam o ato de ler e de escrever podem proporcionar benefícios para a criança saber fazer o uso correto dessa aprendizagem quando atingirem a fase adulta, em qualquer que seja as circunstâncias, perante o seu convívio e ou como agentes ativos de transformação social.

Esta pesquisa serve para novos encaminhamentos nessa área e contribuiu para aguçar o desejo de lecionar nas turmas do 1º ano, colaborando para o exercício da cidadania do aluno que estuda na escola pública e que merece uma atenção

diferenciada por parte dos docentes, por tratar de um ensino no qual nem todos os professores zela pela formação do aluno.

REFERÊNCIAS

ALEXANDROFF, Marlene Coelho. **Construção Psicopedagógica: Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita.** Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sciarttext&pid=S141569542010000200003&lng=ptnr=iso>>. Acesso em: 26 abr. 2014.

ARAÚJO; ARAÚJO; SCHEFFER; Viviam Carvalho de; Rita de Cássia B.F; Ana Maria Moraes. **Discutindo aprendizagem e desenvolvimento da criança à luz do referencial histórico-cultural.** Disponível em: <<http://www.anpepp.org.br /XSimosio>> . Acesso em 26 abr. 2014.

BORBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura.** 24 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** 2 ed. Brasília: Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Fundamental, 2000.

CAGLIARE, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o Bá-Bé-Bi-Bó-Bú.** 2 ed. São Paulo: Scipione, 2009.

CAVALCANTE, Zélia. **Alfabetizando.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

FERREIRO, Emília. **Reflexão Sobre Alfabetização.** 24 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. _____. 26 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Com Todas as Letras.** 7 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FERREIRO, Emília; TEBEROSK, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** 20 ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: Em três artigos que se completam.** 47 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

KATO, Mary (org.) **A concepção da escrita pela criança.** 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 2010.

KAUARK; SILVA; Fabiana da Silva; Valéria Almeida dos Santos. **Dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental e ações psico & pedagógica.** Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862008000300009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 24 set. 2014.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura: Teoria e prática.** 1 ed. Campinas SP: Pontes, 2004.

MASAGÃO, Vera Ribeiro (org.) **Letramento no Brasil: Reflexões a partir do (INAF) Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional 2001.** São Paulo: Global, 2003.

MORRETO, Pedro Vasco. **Construtivismo a produção do conhecimento em aula.** 4 ed. Rio de Janeiro: DPLA, 2003.

RESENDE, Andréa Andrade Siqueira de. O desafio de formar leitores. **Revista Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v.6, n.34, p.17-25, julho/agosto. 2000.

RIOS; LIBÂNIO; Zoé; Márcia. **Da escola para casa: Alfabetização.** 1 ed. Belo Horizonte:RHJ,2009.

RUSO, Maria de Fatima. **Alfabetização em Construção.** 6 ed. São Paulo: Saraiva,2012.

SOARES, Magda. **Letramento: Um tema em três gêneros.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

TEBEROSKY; COLOMER; Ana; Teresa. **Aprender a ler e a escrever: Uma proposta construtivista.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A- Modelo do Questionário

APÊNDICE B- Termo de Consentimento

APÊNDICE A – Questionário destinado às professoras do 1º ano**FACULDADE MARIA MILZA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Caro (a) Professor (a),

O presente estudo faz parte da pesquisa de campo para conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia da instituição FAMAM, que tem como título **Aprendizes da Leitura e da Escrita**: um estudo da prática docente no contexto do 1º ano em escolas da cidade de Cabaceiras do Paraguaçu – BA. Pesquisa realizada pelas discentes Elisandra dos Santos Oliveira e Jaciene Lopes dos Santos, tendo como orientadora a professora Simone Carvalho. Ressalta-se que será mantido sigilo total quanto aos participantes da pesquisa.

Agradeço a sua contribuição ao passo que solicito a autorização da utilização das informações prestadas.

AUTORIZAÇÃO: _____

1. Das opções abaixo, assinale a que melhor descreve sua escolaridade.

Magistério (antigo 2º grau).

Ensino superior (em curso).

Ensino superior (completo).

Pós-graduação

Especifique sua formação: _____

2. Há quantos anos você está lecionando no 1º ano?

1 a 5 anos.

6 a 10 anos.

10 a 15 anos.

Mais de 20 anos.

3. Quais aspectos você acha importante para atuar em classes de crianças no 1º ano do ensino fundamental?

Compreender as fases do processo alfabético: pré-silábica, hipótese intermediária silábica, silábica, silábico-alfabético.

Ter afetividade, importante para dinamizar as interações, as trocas, a busca, os resultados positivos.

Usar matérias didáticos e os métodos adequados de acordo com o perfil da turma.

4. Como você costuma organizar o ambiente alfabetizador em sala de aula?

Alfabeto num varal, junto com os alunos e na altura deles, no início do ano.

Biblioteca de classe com materiais diversos de leitura.

Calendário, numerário e listagem com o nome de todos os alunos, organizados em ordem alfabética.

Mural com exposição da produção dos alunos.

Cartazes com textos e personagens de histórias infantis.

Outros: _____

5. Como deve ser as aulas de alfabetização?

- Deve ter trabalho diário com as práticas de leitura e escrita de forma significativa.
- Deve ter atividades relacionadas a linguagem.
- Deve estar relacionadas a memorização do alfabeto.
- Deve trabalhar treino ortográfico e caligrafia.

6. O que pode dificultar o trabalho do professor?

- Falta de apoio pedagógico.
- Matérias didáticos insuficiente.
- Turmas superlotadas.
- Diferentes níveis de aprendizagem das turmas.

7. Quais foram as principais dificuldades encontradas na sua classe de alfabetização que foram demonstradas pelo aluno em relação à leitura e escrita.

- Os alunos que só memoriza as palavras lidas no texto e depois esquecia.
- Os alunos que estavam desmotivados.
- Os alunos que não tinha acompanhamento dos pais no dia a dia escolar.
- Os alunos que não reconhecia as letras.
- A ausência de recursos que a escola não proporcionava para alfabetizar.

8. Para você qual o momento que a criança é considerada alfabetizada?

- Quando decodifica sinais gráficos.
- Quando domina as fases da escrita alfabética e compreende a função da leitura e da escrita.
- Quando reproduz escritas legíveis.

9. É possível trabalhar leitura em classes onde as crianças ainda não estão alfabetizadas.

- Sim
- Não

Por quê? _____

10. Quando você percebe que seu aluno não está conseguindo aprender a ler e escrever você o ajuda? De que forma?

Sim Não

11. Como é trabalhada a escrita no decorrer das suas aulas?

- Produção de texto de forma isolada.
- Reescrevendo textos lidos com as próprias ideias do aluno.
- Produção de texto em grupos.
- Incentiva as crianças a praticar a leitura e construir texto mostrando a importância que os dois tem para a formação da pessoa na sociedade.

12. Como define o processo de letramento em sala de aula?

- Mecanismos formais de aprendizagem da leitura e da escrita.
- Processo pelo qual se adquire o domínio de um código das habilidades de ler e escrever, técnicas necessárias para exercer a arte e ciência da leitura e escrita.
- Função social do ler e escrever que proporciona habilidades ao aluno de se tornar uma pessoa letrada capaz de exercer no seu grupo social as práticas de leitura e a escrita com propriedade.

13. Que tipo de materiais (livros, textos) você utiliza e considera apropriado para realização da leitura de forma prazerosa e que ao mesmo tempo é um apoio para desenvolver com mais facilidade a prática de ler e escrever do aluno.

- só livros infantis.
- só cartazes.
- só livros didáticos.

- () só receitas.
- () só gibis.
- () vários tipos de textos como: cartas, bilhete, jornais, revista em quadrinhos poema entre outros e livros como: didáticos, infantis, contos, paradidáticos, literários entre outros.

14. Que estratégias de leitura você trabalha com os seus alunos (as) para aguçar o gosto pela leitura?

- () Leitura coletiva.
- () Leitura Compartilhada.
- () Leitura silenciosa.
- () Leitura em voz alta.
- () Leitura individual.
- () Leitura espontânea.
- () Todas as estratégias das alternativas.

Outros _____

15. Para você o que significa ser um bom alfabetizador?

APÊNDICE B – Termo de consentimento destinado às professoras do 1º ano**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, _____ de
Nacionalidade _____ nascida em
_____/_____/_____, estado civil _____
com a função de _____
residente em _____, portador do
RG _____ estou sendo convidado a participar de
um estudo denominado **APRENDIZES DA LEITURA E DA ESCRITA: UM ESTUDO
DA PRÁTICA DOCENTE NO CONTEXTO DO 1º ANO EM ESCOLAS DA CIDADE
DE CABACEIRAS DO PARAGUAÇU-BA.**

Esta pesquisa tem como base a importância da leitura e da escrita para a comunicação das pessoas como o outro e com o meio social. Em se tratando da cobrança que a sociedade faz em relação à educação na vida do indivíduo, seja na vida pessoal ou profissional e diante dos diversos contextos que a realidade apresenta, os quais estão interligados com o conhecimento que os cidadãos adquirem durante sua escolaridade, é fundamental que a criança desenvolva as habilidades para a prática da leitura e escrita no início de sua escolaridade e o docente é muito importante neste processo.

Sendo assim a pesquisa tem como objetivo principal analisar as intervenções didáticas dos docentes nas práticas de ensino da leitura e da escrita e suas contribuições para o desenvolvimento dos discentes no 1º ano, Sendo assim os objetivos específicos são: investigar o percurso histórico da alfabetização; compreender como ocorre a gênese dos processos de aprendizagem da leitura e escrita a luz do tradicional, construtivismo, sócio-interacionismo na perspectiva do letramento; analisar dificuldades e desafios que envolvem o ensino e a aprendizagem na lecto-escrita; descrever as intervenções didáticas dos professores nas práticas de ensino da leitura e da escrita e os benefícios para a aprendizagem

dos educandos (as) do 1º ano do Ensino Fundamental. Cujas justificativas enquanto relevância social é que a alfabetização e o letramento de uma criança precisam ser compreendidos e estar relacionados com critérios que dê subsídios aos discentes de ao longo da sua vida, saber fazer a leitura do mundo para além da leitura das palavras.

A minha participação no referido estudo será no sentido de colaborar para a finalização desta pesquisa. Fui alertado (a) de que, da pesquisa a se realizar, posso esperar alguns benefícios, tais como expandir as informações sobre a importância do processo de desenvolvimento e habilidades dos alunos do 1º ano em relação a leitura e a escrita ampliando por meio de ambas a criticidade e reflexão contribuindo deste modo para que os discentes possam fazer a interpretação do mundo e das palavras por meio destas e assim despertar para a formação crítica e ativa dos alunos.

Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Assim, será preciso aplicação de questionário para os professores e observação dos alunos desta escola para melhor coleta de dados.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo. Foi-me esclarecido, igualmente, que eu posso optar por métodos alternativos, que são: questionário e observação.

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são Elisandra dos Santos Oliveira da Conceição e Jaciene Lopes dos Santos, tendo como PROF^a. Especialista Simone Santana Damasceno de Carvalho que estão vinculadas com a instituição estudantil Faculdade Maria Milza, Governador Mangabeira BA. E com eles poderei manter contato pelos telefones (75 81956705, 82183610 ou 81614034).

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e

suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação. Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

No entanto, caso eu tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, haverá ressarcimento na forma seguinte: dinheiro para pagar as despesas. De igual maneira, caso ocorra algum dano decorrente da minha participação no estudo, serei devidamente indenizado, conforme determina a lei.

Cidade, _____ / _____ de _____ 2014.

Nome e assinatura do sujeito da pesquisa.

Nome(s) e assinatura(s) do(s) pesquisador (es) responsável(responsáveis)
